

COMUNITÁRIA

20 ANOS **ARTE E COMUNIDADE** SANTA MARIA DA FEIRA

COMUNITÁRIA

COMUNITÁRIA

20 ANOS **ARTE E COMUNIDADE** SANTA MARIA DA FEIRA

COMUNITÁRIA

[008]	DEDICATÓRIA
[010]	NOTA DE ABERTURA
[014]	PREFÁCIO PARTICIPAR E CRIAR PARA SERMOS HUMANOS
[020]	INTRODUÇÃO COMUNITÁRIA
[024]	PORMENORES DESTA HISTÓRIA PRÁTICAS E DIVERSIDADE
[146]	REDE DE ARTE COMUNITÁRIA AQUI E AGORA
[184]	PRÁTICAS QUE SE CONSTROEM EM COLETIVO TESTEMUNHOS
[208]	GRAFISMO ALGUNS EXEMPLOS
[226]	BIBLIOGRAFIA
[230]	FICHA TÉCNICA









DEDICATÓRIA

Aos que participam e criam garantindo a transformação dos lugares que habitam.



Em 2005, quando iniciei funções como vereador no Município de Santa Maria da Feira, já fervilhava este singular saber-fazer na Cultura e com a Cultura que tão bem caracteriza o nosso território, envolvendo as nossas comunidades em diferentes práticas artísticas.

Orgulham-me os inúmeros exemplos bem-sucedidos de projetos construídos com a participação efetiva das nossas gentes, que sempre acompanhei com particular interesse e que mantive como prioritários ao longo dos meus mandatos enquanto presidente de Câmara.

Orgulha-me este longo e consolidado percurso de mais de duas décadas de trabalho com a comunidade – que seguramente orgulha todos os Feirenses – assente na participação, na capacitação, na inclusão pela arte e na democratização do acesso à Cultura, aberto a diferentes franjas da população que, de outra forma, não teriam usufruído deste estímulo nem do poder transformador da arte.

Inquietos e inconformados, soubemos fazer diferente e, em boa hora, muitos municípios do nosso País seguiram o exemplo de Santa Maria da Feira. Hoje temos know-how, beneficiamos de uma experiência acumulada de 20 anos de trabalho com as nossas comunidades que nos permite aferir resultados ao nível da autoestima, do conhecimento e autoconhecimento, da partilha, da revelação de talento e criatividade, da saúde mental e bem-estar dos nossos participantes.

Certos de que este continua a ser o caminho, procuramos agora percursos ainda mais sólidos e duradouros, que nos permitam dar continuidade e sustentabilidade a uma alargada rede de arte comunitária que fomos construindo e reforçando ao longo dos anos, um pouco por todo o território. Mas não basta fazer. É imperativo fazer de forma pensada, estruturada e no tempo certo, ouvindo as comunidades, estimulando a curiosidade, partilhando saberes, trabalhando competências e descobrindo talento gerador de mudança, tão importante para o desenvolvimento e coesão do nosso território.

Sintetizar um percurso de 20 anos de práticas artísticas comunitárias em cerca de 230 páginas é uma tarefa árdua e seguramente ingrata, tal é o número de projetos realizados e de participantes envolvidos, assumindo o risco de alguns ficarem omissos. Mas o exercício é meritório, seguindo uma linha cronológica que nos permite perceber a real dimensão e o alcance das atividades desenvolvidas com a participação de milhares de pessoas da comunidade: alunos de diferentes níveis de ensino, crianças e jovens em risco, seniores, pessoas com deficiência ou doença mental, entre outros.

E que não restem dúvidas: o melhor que podemos retirar dos projetos comunitários retratados neste livro são os testemunhos dos que neles participaram e que, mais cedo ou mais tarde, acabam por reconhecer o tão ansiado processo de transformação pessoal e coletivo através da arte, que em alguns casos poderá demorar anos a revelar-se.

São estes testemunhos que me engrandecem enquanto pessoa e enquanto presidente de um Município que acredita e investe no poder transformador das práticas artísticas comunitárias.

Emídio Sousa,
Presidente da Câmara Municipal
de Santa Maria da Feira





A experiência de participar orienta-se para “tomar parte”, “comprometer-se”, “partilhar” e “comunicar” (Ventosa, 2016). A “ação” constitui-se, assim, como crucial na participação, bem como o ato de “associar”, sublinhando-se a sua relevância na política, educação, cultura, trabalho social e associativismo. A participação implica a distribuição de responsabilidades e compromissos nos percursos de tomada de decisão relativos a diferentes questões, nos processos de negociação, no reconhecimento do/a outro/a e no respeito pelos direitos políticos e cívicos dos/as cidadãos/ãs, independentemente das suas diferenças. A natureza da participação é voluntária e potenciadora da expressão própria, orientada para todas/os no sentido do seu envolvimento em decisões que têm consequências nos quotidianos das pessoas e dos lugares. Participar é, por isso, vital para a concretização do humano.

A participação na vida política, social, educativa e cultural é um direito reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos. Neste documento, consagra-se o direito a participar na vida cultural das comunidades, de reunião e associação pacíficas. Também a Constituição da República Portuguesa, inscreve a participação cultural como um elemento central na concretização da cidadania e da vida democrática.

Santa Maria da Feira tem sabido, de múltiplas formas, interpretar a centralidade da prática da participação. Tem ativado e desenvolvido diferentes dispositivos para experimentar e consolidar a participação enquanto dimensão central. As práticas artísticas participativas e comunitárias desenvolvidas nos últimos 20 anos, a que este livro se dedica, são um bom exemplo disso. A inscrição destas práticas num período temporal tão prolongado num determinado território é invulgar no nosso país e na Europa. Assumindo as limitações que um trabalho desta natureza encerra, particularmente a possibilidade de não se ter conseguido registar nas mais de 70 práticas aqui identificadas a totalidade da realidade existente, salienta-se a relevância deste livro para aceder ao legado deste trabalho e a partir daí tomar consciência do presente e perspetivar o futuro em tempos tão instáveis. Esta publicação é um contributo relevante, também, considerando a situação atual de fragilidade das democracias ocidentais, agravada pelo contexto pandémico e de guerra na Ucrânia.

Nos últimos anos, a participação tem vindo a ganhar destaque enquanto contributo para o desenvolvimento de processos de reinvenção dos sistemas e instituições dominantes, nomeadamente na sua componente representativa. Assim, o recurso à participação – enquanto espaço que implica partilha e expressão de decisões, reconhecidas pelo contexto social, com implicações na vida dos/as cidadãos/ãs e das comunidades – tem-se intensificado.

Na mesma linha, a centralidade da dimensão participativa na ação da criação artística contemporânea tem vindo a aprofundar-se, ao mesmo tempo que na educação, intervenção social e comunitária as abordagens associadas às práticas artísticas têm-se fortalecido. Estes diversos interesses e ações cruzam-se e concretizam-se num campo híbrido que, simultaneamente, se baseia na experimentação artística e na inovação social e política que se designam por práticas artísticas participativas e comunitárias.

Em traços gerais, estas práticas definem-se em torno da criação coletiva, ligação ao território e contexto sociopolítico, relação horizontal entre artistas profissionais e não profissionais, flexibilidade e abertura dos processos e resultados, autoria partilhada, reflexão crítica dos/as artistas e públicos, negociação e tomadas de decisão conjuntas, conexão às preocupações reais dos/as cidadãos/as. A diversidade destas práticas artísticas, que Santa Maria da Feira tão bem revela, suporta-se na forma como: a participação das comunidades se desenvolve; as dinâmicas dos processos criativos acontecem; se identificam e trabalham os temas que servem de ponto de partida para estes processos; os espaços de criação e apresentação se configuram e a relação entre artistas profissionais e não profissionais se constrói.

Neste prefácio, é inevitável abordar o confronto clássico que opõe as perspetivas centradas na ideia de “arte pela arte” versus a de “arte com função social”, salientando-se, respetivamente, os perigos associados de “alheamento” relativamente às realidades sociais e “instrumentalização” da arte. Ao contrário de um binómio estanque, é interessante assumir esta relação como uma contínua tensão (Bishop, 2012). É, exatamente, porque a abordagem cultural e artística tem as suas idiossincrasias na forma como constrói conhecimento, que pode potenciar a relação com a dimensão social. Ou seja, é fundamental que se considere o impacto intrínseco da arte na relação que estabelece com o seu impacto social. Dito de outra forma, é necessário também considerar o impacto cultural e artístico, assim como o social.

Nesta discussão, a participação posiciona-se como central enquanto denominador comum às abordagens cultural e social, projetando uma ideia que vai para além da conceção convencional de inclusão social. Perspetiva-se, assim, a dimensão participativa como um dos elementos chave nesse processo inclusivo.

A participação inerente às práticas artísticas comunitárias, designada de cultural e artística, requer um conjunto de elementos que potenciem a sua qualidade, não sendo suficiente o ato de “participar por participar” como gerador de efeitos positivos. Os principais elementos que caracterizam a qualidade da participação cultural e artística, identificados em muitos dos casos abordados neste livro, passam pela: construção do sentido de eficácia; conexão e influência mútua entre aspetos criativos e organizativos destas práticas; existência de continuidade deste tipo de ações; visão predominantemente processual, sendo que o resultado final é encarado como mais um momento dos processos; presença da pluralidade e reflexão; tomada de decisão partilhada; ligação ao território; ativação de questões significativas e concretas relacionadas com os quotidianos nas criações; interação social assente em aspetos emocionais para além dos racionais; equilíbrio entre ação e reflexão; desafio ótimo das práticas desenvolvidas; recurso a metodologias artísticas que associam as dimensões artística, educativa e comunitária; atenção a questões instrumentais (e.g., horários e espaços adequados) e de relação com espaços de criação e apresentação (Cruz, 2021).

A qualidade de participação cultural e artística, aspeto incontornável destas práticas, remete para a criação de um espaço com idiossincrasias, alternativo à linguagem quotidiana, que permite perspetivar o desenvolvimento estético como uma das dimensões de um desenvolvimento humano integrado. A atenção a esta qualidade pode contribuir para expandir o potencial criativo e evitar riscos de instrumentalização destas práticas, muito comum neste campo, como resposta às agendas artísticas, sociais, educativas e políticas, descurando as prioridades das comunidades e das pessoas envolvidas (Cruz, 2021).

Ao colocar o foco na qualidade da participação cultural e artística, destacam-se, simultaneamente, processos de democratização e democracia cultural. Ou seja, para além das preocupações com o acesso e fruição cultural, são potenciais oportunidades de acesso aos modos de produção, contribuindo-se, desta forma, para a valorização de distintas estéticas e para a capacitação de diferentes agentes dos territórios. Desta forma, pode ser, ainda, alargada a ideia de público, contrariando os perigos de uma conceção de “público único” idealizado e fortalecendo, em alternativa, uma visão assente nos princípios da democracia cultural transversal à criação, distribuição e receção de bens e obras culturais e artísticas.

Por tudo isto, as práticas artísticas participativas e comunitárias encontram-se bem posicionadas para, na atualidade, contribuírem ativamente para repensar a criação artística e a participação cívica e política no contexto dos desafios com que nos deparamos. Uma conceção de criação artística para o presente e futuro poderá passar por: uma maior intimidade e capacidade de arriscar; uma maior proximidade aos cidadãos/ãs e esbatimento da separação entre arte e vida; acontecer em espaços não convencionais e assente em conceções mais conectadas com a natureza e as comunidades não humanas; ter preocupações de sustentabilidade, na produção, criação e circulação de bens culturais e artísticos.

A experiência acumulada de Santa Maria da Feira nesta área – que integra comunidades, técnicos/as sociais e educativos/as, artistas, agentes culturais, políticos, dirigentes associativos – permite-lhe posicionar-se num lugar privilegiado para inspirar e ser inspirada por práticas estruturadas, sustentadas e informadas. Este percurso faz-se todos os dias perante realidades cada vez mais exigentes e complexas para as quais são urgentes olhares, também complexos, não deixando de ser criativos, permitindo assim, perspetivar outras realidades hoje ainda impossíveis, mas que podem tornar-se reais no amanhã. Este trabalho só é possível com base numa ação em rede – orgânica, horizontal e de confiança, como a que os/as protagonistas deste território têm sabido construir. Santa Maria da Feira tem hoje uma Rede de Arte Comunitária suportada em comunidades que participam ativamente de forma criativa, organizações que entendem que só conjuntamente se podem fortalecer no desenvolvimento de um sentido continuado da perceção que a arte é um direito de e para todos/as.

Escrever este prefácio é, também, um prazer e responsabilidade redobrada, pelo que tenho aprendido e partilhado no contexto desta rede de trabalho, ao longo de mais de uma década e assumindo funções distintas, que se orienta pela concretização da dignidade humana e pelos atos emancipadores de participar e criar.

Hugo Cruz
Abril 2022
Criador, Programador Cultural e Investigador
www.artandparticipation.com





INTRODUÇÃO COMUNITÁRIA

Comunitária, referente a comunidade, grupo, pessoas que se envolvem num modo de fazer horizontal em torno de algo comum. Durante 20 anos, Santa Maria da Feira construiu mais de 70 práticas artísticas com a participação de milhares de cidadãos, profissionais, produtores, instituições, técnicos e públicos numa manifestação valiosa e impossível de refletir, pela sua subjetividade, nas páginas de um livro. Com esta obra, procura-se registar, organizar e homenagear estas práticas e todos aqueles que lhes deram contorno e conteúdo numa composição que consolida uma abordagem sustentável de arte e comunidade em Santa Maria da Feira.

Comunitária. Aqui encontram-se criações que extravasam a “arte pela arte” e se expandem para uma visão de desenvolvimento social suportada na premissa de que cultura é um direito de todos e que transforma, acrescenta e potencia aquilo que os coletivos e que cada um traz consigo.

Arte, nas mais diversas formas, que ocupou e ocupa palcos improváveis e prováveis espalhados por um concelho que tem a cultura como um dos pilares de desenvolvimento. Práticas importantes pelo questionamento e movimento que geram, funcionando como um catalisador natural que contribui para a inclusão social e concretizando processos de democratização e democracia cultural. A abordagem em que se suportam é diversa nas linguagens – dança, teatro, artes plásticas, música – e nas gentes, de nacionalidades, religiões, géneros, idades, fisionomias e histórias tão distintas. Fio a fio, tece-se uma rede complexa e vibrante num espaço em que todos têm lugar e partilham processos criativos.

Comunitária. Ideias frescas dos mais novos e experiência dos mais velhos num encontro de sinergias entre artistas profissionais e não profissionais que compõem a essência destas criações artísticas. Surpresas em cada etapa, fruto da natureza do processo de trabalho, em que todos contribuem, todos crescem. O resultado final é sempre uma incógnita, constituindo esta característica uma idiossincrasia da protagonista deste livro.

Comunitária. Um cruzar de áreas distintas, como a Ação Social, a Educação e a Cultura de um território, na ativação de dimensões essenciais ao desenvolvimento e à qualidade de vida. É precisamente nestes campos que ela trabalha, junto dos públicos envolvidos, que veem nestes processos as suas emoções e pensamentos fortalecidos, traduzidos na satisfação, reconhecimento e valorização, sentindo-se parte integrante e fulcral do ato de criar e fazer arte. Experimentam-se noutros papéis e lugares, desenvolvendo um sentido de apropriação relativamente a realidades por vir. Práticas que reinventam a vida.

Comunitária, diversa e heterogénea, enquanto lugar de dissenso que potencia o desenvolvimento pessoal e coletivo. E, sobretudo, um constante trabalho em curso. O que já aconteceu, continuará, sob novas formas, com novas roupagens, através de outros olhos. Da história, farão sempre parte os que criaram, produziram, participaram e os que assistiram às práticas aqui registadas. Um desafio permanente de criar, ser e estar, de construir outros palcos e identidades para cidadãos e artistas. Neste caminho, reforçam-se desejos e compromissos para os próximos 20 anos suportados numa rede de arte comunitária em contínua transformação.





PORMENORES DESTA HISTÓRIA

PRÁTICAS E DIVERSIDADE



**PERSONA – UMA HOMENAGEM AO
SONHO E AO TEATRO** 2002



O espetáculo “Persona – uma homenagem ao sonho e ao teatro” resulta de um convite do festival Imaginarius para uma criação artística comunitária a uma então jovem companhia feirense, nascida do cruzamento de diversas atividades e iniciativas integradas por alunos da Escola de Bailado e Artes Cénicas, e por jovens que livremente se foram associando, com o seu talento e interesse pelas artes cénicas e circenses, aos inúmeros espetáculos e animações que esta entidade vinha a desenvolver nos últimos anos, especialmente no seu espaço de residência, à data, o Cineteatro António Lamoso.

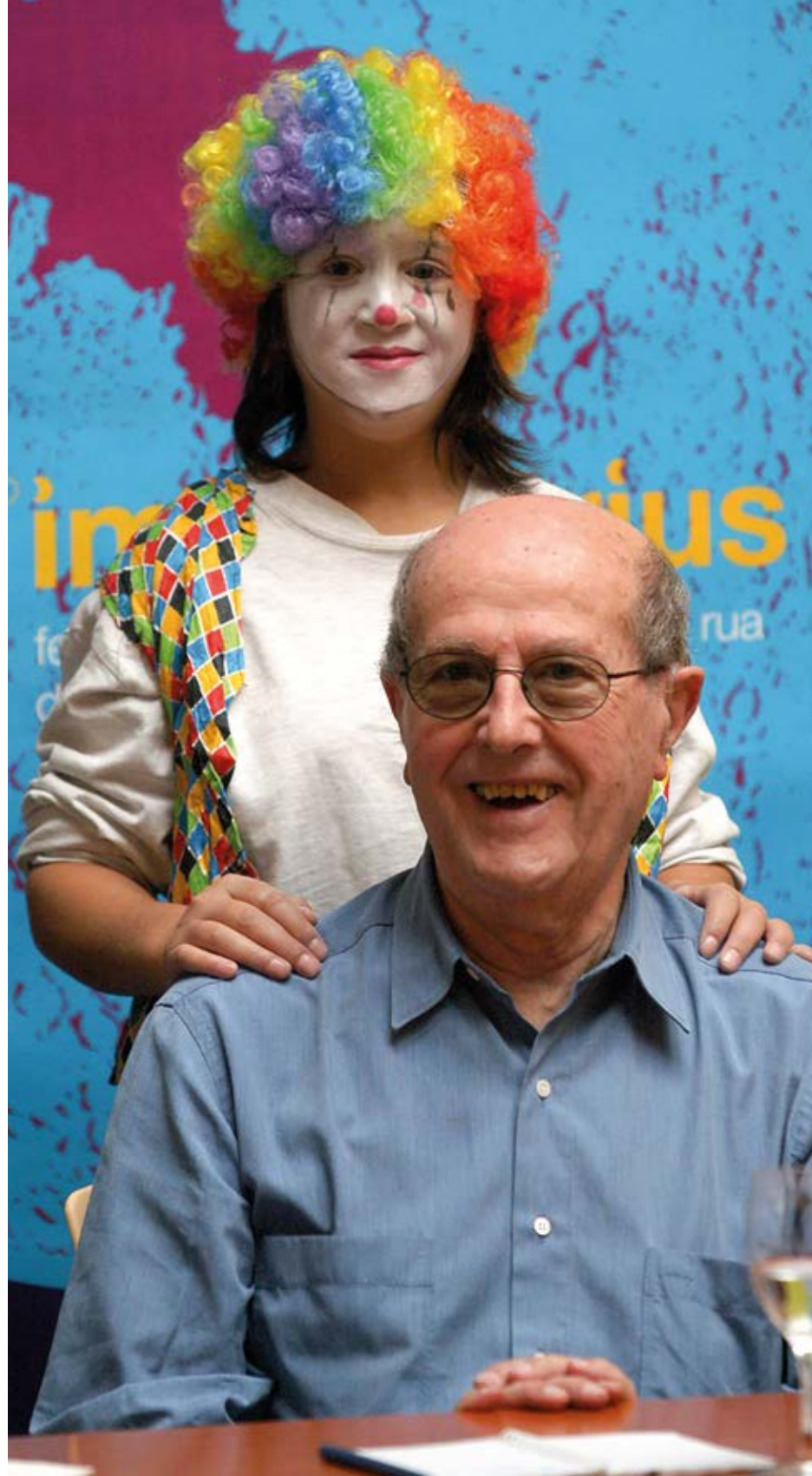
Com direção artística de Lígia Lebreiro e com a participação da comunidade, estreou em 2002 o espetáculo “Persona – uma homenagem ao sonho e ao teatro”, na alameda do tribunal de Santa Maria da Feira, integrado na programação da segunda edição do festival Imaginarius.

“Persona – uma homenagem ao sonho e ao teatro” propôs-se mostrar a todos os públicos que “a máscara do teatro é a máscara da vida no outro lado do espelho. A máscara do mundo é a riqueza da memória, do sonho, da tragédia e da comédia. Num universo onírico, onde os símbolos remetem para os arquétipos e os mitos se mesclam de ditirambos, a beleza revisitada em imagens, sons, movimentos e artefactos que nos transportam para a única realidade da arte: a nossa, perseguida em cada máscara que se oculta, ou se revela, ou no que ela oculta e revela. O acaso, ou o destino, tal como no teatro grego, fez-nos descobrir essa mesma máscara nas esculturas que Paulo Neves vem semeando, um pouco por todo o lado, ditando um desafio alienável na escolha de uma conceção cenográfica e uma abordagem estética e plástica do objeto que perseguíamos.”



A iniciativa de um jovem clown argelino chamado Miloud OuKili – conhecido pelo seu trabalho na intervenção com crianças de rua com vista à inserção escolar e integração familiar através da arte – originou a Parada “Um Nariz Vermelho Contra a Indiferença”. O projeto, colaboração entre o Município de Santa Maria da Feira e a Fundação Parada de Bucareste, trouxe ao concelho feirense uma residência artística em que participaram 120 jovens institucionalizados de casas de acolhimento da região do Entre o Dou-

ro e Vouga. O resultado deste trabalho foi apresentado num espetáculo de rua integrado na programação da 3.^a edição do Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua. Ainda em 2003, foi apresentada a peça de José Régio “Mário ou eu próprio o Outro”, encenada por Manoel de Oliveira, em que participaram oito jovens romenos como figurantes. O cineasta apresentou, também, o projeto na Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira, acompanhado por Miloud Oukili.





Com o objetivo de impulsionar a formação, participação e criação de novos públicos na área do teatro de rua no concelho de Santa Maria da Feira, os jovens utentes da Casa Municipal da Juventude participaram num programa de formação alargada durante todo o ano de 2003, abordando as mais diversas áreas das artes de rua. O resultado da formação, que teve lugar nos polos de Arrifana, Souto e Lobão da Casa Municipal da Juventude, acabou com apresentação pública sob o formato de exercício integrador das técnicas aprendidas.



A iniciativa possibilitou que os jovens tivessem contacto com companhias de teatro internacionais, bem como participassem ativamente como atores no Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua.



Rufus & Circus é um grupo de percussão intergeracional que utiliza como base as percussões tradicionais portuguesas. O grupo desenvolve temas criativos, despertando o ritmo que existe em cada indivíduo, através da música. Com a criação deste grupo, inicialmente destinado a crianças e jovens em risco de abandono e/ou insucesso escolar, pretendeu-se promover a inclusão social através de metodologias artísticas. A constituição deste grupo resultou de uma iniciativa realizada no âmbito do Projeto Riscos & Traços em que, primeiramente, foram desenvolvidos, em contexto escolar, laboratórios de diferentes áreas artísticas com os alunos sinalizados pelos professores e, posteriormente, uma oficina de percussão (em Santa Maria da Feira), e outra de artes circenses (em Canedo) de acordo com os interesses dos alunos. A oficina de percussão decorria fora da escola, com periodicidade semanal, enquanto a oficina de artes circenses decorria no espaço escolar. Em paralelo, funcionava uma oficina de costura criativa, com mulheres em situação de desemprego, que confeccionaram figurinos para os jovens usarem sempre que se apresentavam em público. A partir de 2010 e até 2021, o Grupo Rufus & Circus foi desenvolvido pela Casa dos Choupos, Cooperativa Multissetorial de Solidariedade Social, CRL., integrada na área de intervenção social pela arte, tendo atuado em diversos eventos.



A performance de rua “Sonhos Flutuantes” resultou da formação de teatro, orientada pelo ator João Pedro Correia, com os elementos do Grupo Jovens Mediadores Sociais, criado no âmbito do Plano Municipal de Prevenção das Toxicodependências, em parceria com o Centro Social de Lourosa e o Centro Social Padre José Coelho. A performance foi idealizada e criada pelos jovens, assente na ideia de que a entrada no mundo da toxicodependência pode parecer um sonho, mas rapidamente se percebe que os sonhos se perdem dando lugar a ilusões, vícios e dependências.

A libertação dos laços da dependência implica que o peso dos dias seja encarado de outra forma, afastando medos, pesadelos e obstáculos, transformando a vida em leve respirar para que os sonhos flutuem e sejam alcançados, com realismo.

“Sonhos Flutuantes” foi apresentada na edição de 2006 do Imaginarius, no Festival da Juventude do mesmo ano, e ainda no Município de Guimarães no âmbito das comemorações do dia D – Dia Internacional de Luta contra o Tráfico e Consumo de Droga, nessa cidade, e no Festival Medieval do Município de Óbidos.



Uma criação coletiva, no âmbito do Projeto Pais XXI – Clube de Pais, com direção artística de Hugo Cruz, que teve como ponto de partida o turbilhão dos quotidianos, o barulho dos dias e das vidas. Eram homens e mulheres, mães e pais, à procura de retratos de família registados pelas emoções numa forma de “estar com os filhos de outro ângulo” e “sentir que podemos introduzir ruído nos dias instalados”. Uma celebração à entrega para espantar vontades cinzentas de viver. O Clube de Pais resultou num importante recurso na implementação das atividades do Plano Municipal de Prevenção Primária das Toxicodependên-

cias do Concelho de Santa Maria da Feira, dirigido às famílias e/ou agentes educativos. O trabalho resultante do projeto PaisXXI, a peça “Retratos de Família”, serviu de veículo de proximidade a pais e famílias do concelho e como estratégia de arranque de outras atividades. Foi, também, importante na divulgação do trabalho realizado no Clube de Pais a nível nacional. Ao longo do ano de 2007, realizaram-se cinco apresentações da peça no concelho feirense e 19 fora do concelho, abrangendo norte, centro e sul do país.

**ANDA CONNOSCO – GRANDE
PARADA DE RUA EM ANDAS**
2006



O espetáculo artístico – “Anda connosco! – grande parada de rua em andas”, integrado na 6.ª edição do Imaginarius, retratou a tradição das Andas. Uma iniciativa que contou com a participação dos grupos Amlima, Lous Tchancayers, Les echasseurs de Namur e dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico de diversas escolas do concelho que, ao longo de três semanas, foram envolvidos na conceção do espetáculo através do programa “Escola em Movimento”. Além das crianças, a população em geral foi convidada a participar, juntamente com os diferentes grupos artísticos, como o africano Amlima, que utiliza andas de 5m de altura, tornando o espetáculo num acontecimento inesquecível.

A iniciativa surge no âmbito da intervenção social realizada através de metodologias socioeducativas baseadas na arte. Com recurso ao teatro, à dança, à percussão, à expressão plástica, à fotografia, às artes circenses, entre outras, o trabalho enquadra-se junto de públicos vulneráveis à pobreza e exclusão social, essencialmente, nas áreas de prevenção das toxicodependências, violência doméstica, insucesso e abandono escolar, educação parental, gestão e resolução de conflitos de vizinhança. A integração deste encontro no Imaginarius permitiu consolidar o trabalho através da apresentação de espetáculos e da

experienciação de novas formas artísticas. Assim, desenvolveu-se o sentido estético das populações e facilitou-se o seu acesso à cultura e à arte como agente transformador e motor de desenvolvimento comunitário. Um projeto desenvolvido pela Divisão Social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, através do Projeto Direitos & Desafios (Programa Para a Inclusão e Desenvolvimento), do Projeto Riscos e Traços (Programa Ser Criança), do Projeto Habitar e do Plano Municipal de Prevenção Primária das Toxicodependências.

Instalação experimental em espaço público realizada por alunos de várias EB1 do concelho com idades compreendidas entre os 6 e os 7 anos. A ideia ganhou forma nas aulas de artes plásticas, no âmbito do projeto Escola a Tempo Inteiro, pretendendo-se despertar, desde cedo, os mais pequenos para a vivência cultural da

cidade. A temática que uniu estes trabalhos foi “O Imaginário Infantil”, um lugar entre o Bem e o Mal, povoado por belas borboletas em campos cobertos de flores, mas também ciente da realidade ambiental. Os visitantes puderam intervir, levar uma mensagem ou, simplesmente, deixar-se surpreender pelo longínquo mundo encantado.





Através da metodologia do teatro-fórum, 1653 alunos do 9.º de escolaridade, de todas as escolas Escolas Básicas do concelho de Santa Maria da Feira, foram confrontados com uma situação de opressão e orientados pela questão “O que é que se passa?”. Puderam adquirir conhecimentos sobre a problemática da violência doméstica e competências de comunicação e de resolução de conflitos ocorridos na esfera da intimidade. Desta iniciativa resultou a peça de teatro-fórum “O que é que se passa?”, em que o público teve a oportunidade de se colocar no lugar do outro, de quem sofre e de quem inflige maus-tratos e procurar soluções para os problemas. Apresentado na 7.ª edição do Imaginarius e integrado no projeto Direitos & Desafios, promovido pela Câmara Municipal de Santa Maria

da Feira, executado pela Associação Pelo Prazer de Viver e cofinanciado pelo PROGRIDE (Programa para a Inclusão e Desenvolvimento).

“Um, dois, três, ação! O grito marca o início da história. Uma história de adolescentes contada para adolescentes. os atores confundem-se com espectadores e estes com os atores. A história adquire vida. O guião é improvisado a cada momento, a cada palavra, gesto e som. A violência doméstica é o tema. O namoro e o ciúme. A saia curta e as conversas ao telemóvel. As aulas e os amigos. A história desenvolve-se neste cenário a que correspondem fatores de risco para possíveis realidades de violência doméstica que começam, por vezes, bem cedo.” (Terras da Feira, 17.05.2007)



“Donzela”, de Joana Vasconcelos, cobriu uma das faces do Castelo de Santa Maria da Feira com uma colcha gigante de croché, formada por diversas toalhas brancas e redondas, unidas entre si, agregadas a uma estrutura de cabos de aço que as mantinha esticadas, como se a colcha estivesse estendida “à varanda” do Castelo.

As toalhas foram confeccionadas por centenas de mulheres de Santa Maria da Feira, um envolvimento direto da população na criação da obra um destaque inegável para o valor do trabalho manual.

Durante cerca de dois meses, cerca de 500 mulheres juntaram-se em grupos, nas IPSS, Juntas de Freguesia e coletividades locais para fazerem as rosetas de croché. As crianças do 1.º ciclo ficaram responsáveis pela confecção de 80 frocos e por uma das colchas. As 16 colchas produzidas

manualmente mediam entre 1,20m e 1,60m de diâmetro, constituídas por diversas rosetas, feitas em linha branca Aguiã, número seis, com agulha de croché número dois. Os grupos participantes escolheram rosetas de vários tamanhos e motivos para enriquecer a criação artística.

A colcha gigante é um símbolo de união das gentes da Feira em torno de um dos mais importantes projetos culturais, o festival Imaginarius, aliando tradição e contemporaneidade. A obra esteve exposta numa das Bienais de Arte mais importantes do mundo, em Veneza, e na comemoração do 10.º aniversário da peça, em 2017, a Donzela, que é já parte integrante do património de Santa Maria da Feira, voltou a reunir os participantes em torno da sua conservação e consolidação de memórias de um envolvimento ímpar.











Resultado do trabalho desenvolvido ao longo de três anos com jovens de duas escolas do concelho (Cavaco e Canedo), no âmbito do Projeto Riscos & Traços, o espetáculo cruzou diferentes linguagens artísticas: dança, circo e percussão. Com mescla de públicos e atores no percurso pelo espaço escola, abriu-se à comunidade para desconstruir a ideia de Escola como espaço fechado. Apresentado no Imaginarius 2007, desenvolveu experiências lúdicas, pedagógicas e artísticas com os atores da escola (alunos, pais, professores e funcionários), envolvendo um elenco de cerca de 30 jovens e adultos.



Com curadoria Sete Sóis Sete Luas, a Parada Teatro e Casamento surgiu no âmbito do Projeto Teatro e Matrimónio integrado na 7.ª edição do Imaginarius e obteve o reconhecimento e apoio da Comunidade Europeia através do Programa Cultura 2000. Uma verdadeira viagem em torno da instituição do casamento vista sobretudo sob o perfil da sua realidade dramatúrgica. Nesta parada, participaram grupos da Sérvia, Itália, Portugal, Marrocos e da comunidade Romena de Lisboa, da comunidade Ucrâniana e da Irlandesa.

De Santa Maria da Feira, participou um coletivo de cerca de 120 mulheres vestidas de noiva – Noivas de SMF, que esteve representado na Dinamarca, no Festug Festival, e noutros eventos, continuando, ainda hoje, ativo com presença na Viagem Medieval.

**METO A COLHER?!
CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**
2008



O Espaço Trevo, à data Ação do Projeto Direitos & Desafios, para assinalar o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres promoveu, a 25 de novembro de 2008, a campanha de sensibilização dirigida à comunidade “Meto a Colher?! – Contra a violência doméstica”. Cerca de meio milhar de pessoas marcou este dia participando de forma ativa na campanha, que contou com o envolvimento direto de 6 escolas, 10 instituições concelhias e 15 voluntários.

Equipa artística composta por Hugo Cruz, João Pedro Correia e Susana madeira, foi cofinanciado pelo PROGRIDE – Programa para a Inclusão e Desenvolvimento, promovido pelo Município de Santa Maria da Feira e executado pela Associação Pelo Prazer de Viver.

Imagem da campanha
Meto a Colher?! – Contra a violência doméstica



O projeto multidisciplinar “Onde está o Principezinho?”, de 2008, motivou a realização de uma grande campanha de promoção de leitura do célebre livro “O Principezinho”, de Antoine de Saint-Exupéry, nas escolas do concelho. Chegou a cerca de seis mil crianças – graças ao envolvimento da Biblioteca Municipal, Pelouro da Educação e Divisão de Ação Social da autarquia – que contactaram com a música e as artes performativas sob a coordenação de conceituados artistas internacionais. O resultado final deste trabalho pôde ser apreciado durante os três dias do Imaginarius – Festival Internacional de Artes de Rua.

a) Parada “Onde Está o Principezinho?": Integrada no Imaginarius, a parada honrou a paz do Principezinho e restituiu no espaço público o trabalho intelectual e a sensibilização da população. Na parada, participou um carro em pasta de papel, realizado pelos Mestres de Nola (Itália) e a Instável Orquestra, e o diário de bordo, emblema do avião, foi oferecido, com cada flor plantada pelas crianças, aos transeuntes do festival para que estes a pudessem compreender e proteger melhor. A Parada contou ainda com a Sociedade da Banda Musical de Souto, a Banda Marcial do Vale e a Banda de Música dos Bombeiros Voluntários de Arrifana.

b) Espetáculo teatral com a Instável Orquestra “Onde está o Principezinho?": O objetivo não era levar a cena “O Principezinho” de Saint-Exupéry, mas sim recuperar o espírito deste extraordinário texto no quotidiano de

milhares de crianças das escolas de Santa Maria da Feira. Valores como a amizade, a criação de ligações, as relações simples e verdadeiras foram uma mensagem exaltada não só para as crianças, mas também para os adultos, a fim de não esquecerem que também o foram. Um projeto coordenado por Miloud Oukili, criador da Fundação Parada de Bucareste, várias vezes prémio UNICEF e laureado, conjuntamente com Patch Adams, honoris causa em pedagogia pela Universidade de Bolonha.

c) “Orquestra de Todos Nós”: Espetáculo da Instável Orquestra de Fiães, promovido pela Divisão da Ação Social e Pelouro da Educação, Cultura e Juventude da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, em colaboração com a Biblioteca Municipal. O número de elementos deste espetáculo rondou entre os 100 e os 150, com idades compreendidas entre os 9 e os 65 anos ou mais, a maioria crianças das escolas primárias da freguesia de Fiães. Frases como “não sei tocar” ou “não percebo nada de música” foram esquecidas pelos participantes, provando que cada um pode contribuir à sua maneira para o processo de criação da música. Habitualmente, são sempre os adultos que ensinam peças musicais às crianças e aos jovens, os músicos aos não-músicos, mas nesta orquestra sucedeu-se exatamente o contrário. Todas as composições musicais foram inventadas nas sessões de improvisação com crianças ou com adultos não-músicos e, posteriormente, transmitidas de forma escrita aos jovens membros do Grupo Musical



de Fiães e aos professores de diferentes academias de música de Santa Maria da Feira. Um momento de brincadeira ou um canto tímido de uma criança transformou-se, assim, numa peça musical interpretada por uma enorme orquestra. Um elemento muito importante foi o uso de instrumentos produzidos a partir de materiais reciclados em paralelo com os instrumentos musicais convencionais: tubos de instalações elétricas, postes de sinais rodoviários, garrafas, latas e baldes, juntamente com violoncelos, violinos, clarinetes e trompas. A primeira aparição em público da orquestra foi no projeto “Onde está o Príncipezinho?” do artista francoargelino Miloud Oukili, com direção artística e responsabilidade pelos laboratórios a cargo de Aleksandar Caric, contando com o assistente de direção Artur Carvalho. A assistência técnica voluntária ficou com Filipe Almeida e Marco Gonçalves. Como elementos da orquestra, as turmas do 4.º ano do 1.º ciclo das EB1 de Fiães: “Soutelo”, “Vendas Novas”, “Chão do Rio”, “Avenida” e “Barroca”; do 7.º ano da Escola Secundária de Fiães e os respetivos professores; e do Grupo de Jovens de Ferradal, Associação de Pais de Fiães e Jovens do Núcleo Prevenir. Contou-se, ainda, com o apoio dos trabalhadores do Estaleiro da Câmara Municipal na produção dos instrumentos musicais, dos professores de música de diversas freguesias de Santa Maria da Feira, do Grupo Musical de Fiães e do E.Leclerc.



Estreia nacional da Companhia Clara Andermatt, integrada na 8.ª edição do Imaginarius, que se apropriou das características arquitetónicas do espaço de apresentação para envolver o público numa espécie de ritual comunitário. No seu elenco, integrou bailarinos, atores, músicos e traceurs, para além de um grupo de intérpretes, com mais de 60 anos, de Santa Maria da Feira. “Vivemos num vasto labirinto, em que se cruzam diferentes verdades. Perante a multiplicidade dos acontecimentos e a variedade das emoções, interrogamo-nos sobre a função que nos cabe, as tarefas a que nos propomos... e duvidamos!”, era o mote do espectáculo.





A segunda instalação, criada pela artista Joana Vasconcelos, no âmbito do Imaginarius, envolveu a produção de uma colcha monumental, com cerca de 35x15 metros, em croché, elaborada artesanalmente com a colaboração ativa da população feminina de Santa Maria da Feira. “Varina”, nome atribuído às mulheres do povo, cria uma dinâmica de intercâmbio com a paisagem envolvente, redefinindo e estimulando as tradicionais relações entre a arte e o tecido social, em clara comunhão com o espectro paisagístico – arquitetónico e natural – envolvente. A ideia de percurso, indissociável do conceito de procissão, foi sublinha-

da pela performance que fez a ligação entre Santa Maria da Feira e Vila Nova de Gaia e Porto. O rio Douro, comum às três cidades, viu chegar a “Varina”, acolitada por muitas das mulheres que contribuíram para a sua realização, numa embarcação que teve como destino final a Ponte D. Luís, onde foi suspensa. Apesar de recorrer a signos tradicionalmente femininos, apresentou-os transfigurados pela monumentalidade da escala, autêntica apologia à condição feminina, insinuando a realização plena de uma eventual individualidade através da subversão, em favor do sujeito, dos normativos sociais impostos.



Instalação de Paulo Neves, composta por 12 anjos de madeira, pintados por 12 artistas, entre os 20 e os 84 anos de idade. "Anjos... Asas... Bandeiras" aliou a escultura à pintura num trabalho que levou pela primeira vez as artes plásticas ao festival Imaginarius. O projeto consistiu num trabalho escultórico de grandes dimensões (esculturas de madeira 7x2 metros) que evidencia o diálogo estabelecido entre artistas que no seu dia-a-dia usam linguagens e expressões artísticas diferentes, mas que no resultado final apresentam lugares e emoções comuns.





Conjunto de apresentações, integradas no Imaginarius 2008, no âmbito do trabalho desenvolvido pela Divisão de Ação Social da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, através do Projeto Olhares Múltiplos, do Projeto Direitos & Desafios, do Plano Municipal de Prevenção Primária das Toxicodependências e do Projeto Riscos & Traços.

O Teatro-Fórum “Usar ou não? Eis a questão”, no âmbito da prevenção do VIH/SIDA, resultou do trabalho desenvolvido pelo Projeto Olhares Múltiplos com alunos do 7.º ano de escolaridade de três escolas concelhias. Através de sessões de expressão dramática, colocou-se os jovens como protagonistas na definição dos conteúdos e situações a serem abordados.

No espetáculo, o “espect-actor” teve a oportunidade de trocar de papel com os atores e propor possibilidades de resolução dos problemas identificados.

Já no Teatro-Fórum “A Entrevista” (educação-formação de adultos), um dos produtos finais dos Clubes da Agência Local em Prol do Emprego (Projeto Direitos & Desafios), os protagonistas dos Clubes foram os próprios atores da iniciativa. Estes espaços formativos dirigidos a desempregados com baixas qualificações tinham como objetivo promover, em conjunto com o público, um espaço de reflexão, vivência e partilha de alternativas perante situações de discriminação numa entrevista de emprego.



Em 2009, Odin Teatret, Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua e Divisão de Ação Social uniram-se numa colaboração com o propósito de criar um espetáculo de teatro de rua, para o Festival Imaginarius, contando quase exclusivamente com a participação da população local. O projeto acabaria por envolver cerca de 500 pessoas, oriundas de diversos grupos do concelho, cruzando gerações, comunidades e costumes. O ponto de partida foram as fortes imagens do livro “O Imperador de Portugal”, da escritora Selma Lagerlof, cuja narrativa se fundiu com as ideias, sugestões e materiais trazidos pelos participantes,

como músicas tradicionais e elementos do quotidiano, além das sugestões arquitetónicas do espaço, culminando num espetáculo único. Como forma de descentralização, o núcleo central do grupo, com os recursos culturais das comunidades locais, apresentou uma versão reduzida do espetáculo nas freguesias de Canedo (Porto Carvoeiro, com cerca de 200 participantes) e Paços Brandão (Museu do Papel, com cerca de 120 participantes). O grupo completo, composto por cerca de 350 pessoas, apresentou o espetáculo em Santa Maria da Feira durante os três dias do festival Imaginarius.

AS PESSOAS NÃO SÃO OBJETOS! GRITE NÃO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA!

2009

Imagem da campanha
As Pessoas Não São Objetos!
Grite Não à Violência Doméstica!



A campanha de sensibilização dirigida à comunidade “As Pessoas Não São Objetos! Grite Não à Violência Doméstica!” deixou nas mãos do público a responsabilidade do desenvolvimento da mesma. Apelou-se à denúncia de situações de violência doméstica e todos foram convidados a “gritar não à violência” (através de um texto, frase ou mensagem) junto de um megafone integrado na instalação artística. No meio de uma massa de objetos esquecidos, em que as pessoas se pareciam confundir com o caos e desarmonia, sempre que a “denúncia” surgia, o público ensaiava, enquanto agente de mudança, uma transformação da desordem e violência num momento estruturado e harmonioso. Esta prática artística comunitária foi desenvolvida pelo Espaço Trevo, Ação do Projeto Direitos & Desafios, cofinanciado pelo PROGRIDE – Programa para a Inclusão e Desenvolvimento, promovido pelo Município de Santa Maria da Feira e executado pela Associação Pelo Prazer de Viver.

Integrado na 9.^a edição do Imaginarium, o Trigo Limpo teatro ACERT, em coprodução com o Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua, de Santa Maria da Feira, construiu um engenho cénico, uma escultura gigante de sete metros baseada na figura do Pinóquio, que foi a personagem principal de várias práticas artísticas comunitárias e participativas.

a) “Pinóquio somos todos nós”: Parada composta por 90 jovens das escolas secundárias de Santa Maria de Lamas e Fiães que desfilaram pelas ruas da cidade-sede até ao encontro da marioneta do Pinóquio. Partiu da premissa que cada um dos jovens tinha um Pinóquio dentro de si que queria conhecer, perceber e devorar

o mundo. Durante o processo, partilharam as sensações que a história do boneco que se transforma em humano lhes transmitiu. A descoberta do corpo e das suas faculdades, a relação com o pai, a procura do saber em cada experiência de vida, o medo de ser estigmatizado pela sociedade, a aventura de crescer foram alguns dos pontos que serviram de impulso para a proposta. O modo de intervenção dos jovens, coordenados por Luciano Burgos e Claudio Hochman, jogou com o tempo e com o espaço, ritmo e ação, numa poética alegórica, interligando-se num movimento de grupo sem perder a individualidade.

b) “Pinóquio sou eu”: Parada de rua com crianças do 1.º ciclo do Ensino





Básico de escolas concelhias. A história do Pinóquio, um boneco de madeira que quando mentia, crescia-lhe o nariz, foi lida por todos os alunos do concelho e, a partir daí, começou a viagem de preparação da parada. Ao ler a história original de Collodi, descobriu-se um mundo fascinante cheio de imaginação e conteúdo. No conto, a primeira roupa que Pinóquio veste é um traje de papel e, por isso, as crianças desenharam o mundo do boneco numa cartolina que se transformou nas suas roupas para a Parada. Cada criança é um Pinóquio diferente e assim cada uma viu a história através dos seus olhos, dos seus sentimentos, das suas vivências... Centenas de Pinóquios percutindo instrumentos feitos de madeira (que pediram emprestada na carpintaria do Geppeto) invadiram as ruas de Santa Maria da Feira para se encontrarem

com o irmão Pinóquio gigante e para juntos festejarem em canção.

A coordenação artística ficou a cargo de Cláudio Hochman e Luciano Burgos, a coprodução pelo ACERT e CCTAR Portugal/Argentina.

c) “Ciclo de Músicas para Pinóquio”: A metáfora era “a Instável Orquestra é como uma praça pública”, um lugar onde as pessoas se encontram. De cada vez que aparece, a orquestra é muito diferente. As pessoas participam, uns saem, outros entram, muitos mantêm-se. O conjunto é uma prova viva de que cada um pode contribuir à sua maneira para o processo de criação da música. Todas as composições musicais foram inventadas nas sessões de improvisação, sobretudo com as crianças das escolas ou adultos sem experiência musical, e, posteriormente, transmitidas de forma escrita aos jovens músicos, constituindo-se estes



últimos como um reforço determinante do processo criativo. Obra da autoria da Instável Orquestra, com direção artística de Aleksandar Caric, que envolveu mais de 150 pessoas de vários grupos locais: Grupo da Associação de Alcoólicos Recuperados de Santa Maria da Feira, Grupo Famílias+ do Empreendimento Social do Ferradal, Grupo de Percussão Rufus & Circus, Coro da Universidade Sénior de Santa Maria da Feira, Coro da Academia de Música de Santa Maria da Feira, Músicos da Banda de Música de Arrifana, Crianças das Escolas Básicas do 1.º Ciclo de Fiães e Jovens da Escola Coelho e Castro.

d) “Os Pássaros e Espantalhos”: Os jovens músicos da Instável Orquestra interpretaram, como uma partitura musical, os movimentos e ritmos naturais da instalação “Máquina para fazer rios e agitar os espíritos” de Paulo Neves.

Som de água, madeira e ferro interagiram com os instrumentos musicais enquanto os músicos se tornavam pássaros, coelhos ou simplesmente improvisadores criativos. Contou com a participação da EB1 da Avenida, EB1 de Chão do Rio, EB1 de Soutelo, EB1 de Vendas Novas, EB Secundária Dr. Moisés Alves de Pinho, Núcleo Prevenir de Fiães – PMPPT, Associação Alcoólicos Recuperados de Santa Maria da Feira, Grupo Musical de Fiães, Academia de Música da Feira (elementos da orquestra sopros e coro juvenil), Coro da Universidade Sénior, Banda Marcial do Vale, Banda de Música de Arrifana, Grupo de Percussão Rufus e Circus, Erica – aluna da EB Fernando Pessoa, Trio Cosacco com Jean Marc Dercle. Os maestros convidados foram Filipe Almeida, Mafalda Campos Leite e Saudade Campos.





O projeto de arte comunitária “Texturas” foi desenvolvido no âmbito do Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua 2009. O ponto de partida foi a cortiça como elemento unificador das comunidades locais neste projeto de caráter comunitário, artístico e cultural que pretendeu fomentar a pesquisa de elementos da cultura local, contribuindo para a aproximação e identificação das diversas gerações da comunidade. Com enfoque na indústria da transformação da cortiça, o teatro foi um instrumento privilegiado para construir novos canais de comunicação com o “eu” e o “outro”, fomentando igualdade de oportunidades, contribuindo para a criação de novos públicos e

acesso a espaços e eventos culturais a populações excluídas socialmente e estimulando o diálogo e o intercâmbio entre os vários territórios feirenenses. “Texturas” cruzou várias linguagens artísticas, desenhando-se com base num triângulo que uniu três pontos geográfico-artísticos através de percursos guiados. Neste projeto, procurou homenagear-se e celebrar-se a leveza, a impermeabilidade, a elasticidade e a resistência da cortiça, integrando-a nos quotidianos relacionais das gentes e da terra. Com direção artística de Hugo Cruz e coprodução do PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural e Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua.







Campanha de prevenção da violência no namoro através de uma intervenção artística participativa que teve lugar no Bar Rua Direita e no Villa Café, no Centro Histórico de Santa Maria da Feira. Criação artística de João Pedro Correia e Susana Madeira, foi promovida pelo Projeto Direitos & Desafios. A iniciativa teve como destinatários jovens e população em geral, seguindo o mote: “A partir de um olhar disseste-me “Olá”, de um beijo na cara conheci o teu cheiro, de um longo abraço quis fazer parte de ti, de um empurrão desejei nunca mais te ver”.

A campanha “Mensagem de Amor”, iniciativa do Espaço Trevo (resposta no âmbito da violência doméstica do Projeto Direitos & Desafios promovido pelo Município de Santa Maria da Feira), teve como pano de fundo a proximidade do Dia dos Namorados e como objetivo a prevenção da violência no namoro. Integrado nesta campanha, o “Arraial do Amor”, com palco na Praça Gaspar Moreira, contou com barraquinhas, onde foram expostos trabalhos feitos nas instituições concelhias aderentes à iniciativa e performances de teatro, dança e música, com espaço para a criação do mural “Uma história de amor”, da “rádio do amor” e ainda a possibilidade de se tirar “uma fotografia a dois”. Houve de um pouco de tudo – dos poemas de amor às serenatas, teatro, dança, alguns doces relacionados com as tradições dos namorados

e os lenços dos namorados. A campanha encerrou com o “grande encontro pela não-violência no namoro” que decorreu no auditório da Biblioteca Municipal. A Partituna – tuna académica do Isvouga abriu o evento, seguindo-se o teatro-fórum “O que é que se passa?”, durante o qual o público pôde interagir com os atores que representavam um casal de namorados, e a tertúlia “Mensagem de Amor”, que contou com Beto, vocalista dos DR1VE, Cifrão, da série Morangos com Açúcar, Manuel Albano, vice-presidente da Comissão para a Cidadania e Igualdade, e com uma técnica do Espaço Trevo. A campanha “Mensagem de Amor” contou com o envolvimento de 22 entidades (escolas e instituições concelhias), cerca de 35 voluntários e com a participação de 600 pessoas nos vários momentos.





Espectáculo comunitário que resultou de uma catarse coletiva sobre o erro e o perdão, a fragilidade do ser humano e a inevitabilidade do pecado ao alcance de qualquer um em qualquer tempo e espaço. Espelho das vontades dos reclusos do Estabelecimento Prisional do Porto, propôs um percurso por alguns dos espaços do estabelecimento, revelando sensações, obstáculos, experiências e percepções sobre a vivência de um contexto prisional. O espetáculo falou das vidas antes da prisão, do momento em que entraram, da passagem e da saída, real ou imaginada. A proposta seguiu esses trajetos e a relação culpa-per-

dão, pano de fundo deste trabalho, encontrou-se em determinado momento do processo com “Hamlet”, de Shakespeare. “ENTRADO” teve uma forte componente musical, destacando-se a participação da banda rock do EPP “The Other Face” e a colaboração do Serviço Educativo da Casa da Música com o Coro “Ala dos Afinados”, projeto desenvolvido no estabelecimento prisional. Uma criação Imaginarius com coprodução PELE – Espaço de Contacto Social e Cultural e Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua, com direção artística de Hugo Cruz.









Espectáculo multidisciplinar, apresentado na 10.^a edição do Imaginarius, em que se cruzaram vários olhares sobre a realidade do acampamento cigano de Sanguedo. Surge no âmbito do projeto Desalojar a Exclusão – CASTIIS, a partir de um convite feito pelo Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua ao criador Marco Martins, com o objetivo de desencadear uma reflexão sobre as problemáticas da integração e, mais concretamente, sobre o modo de vida do acampamento cigano de Sanguedo, cujo

nome dá título ao projeto pioneiro que reuniu vários criadores com a população, dentro do próprio acampamento, visando a criação de pequenos trabalhos que constituíram o itinerário.

Durante o período de, aproximadamente, um ano, partindo da livre interpretação do clássico de William Shakespeare “Romeu e Julieta”, resultaram as obras que constituem, em grande parte, o corpo dos trabalhos apresentados no espetáculo, que tem como espaço expositivo o



próprio acampamento da Baralha e as casas dos seus habitantes. Filipa César, Clara Andermatt, Beatriz Batarda, Dinarte Branco, Fernando Mota, Nuno Pino Custodio e André Príncipe, todos trabalharam com um determinado número de elementos do acampamento, optando por uma “estratégia” individual de abordagem formal. Desses encontros, resultaram os vídeos expostos no acampamento, que documentam o processo e os seus resultados, constituindo apenas uma parte da apresentação que teve uma componente de música e performance. Polémico e provocador, “BARALHA” revelou-se um projeto transdisciplinar em que a arte saiu dos habituais traços delimitados à sua atuação e se fundiu no espaço e tempo próprios da vivência de uma comunidade de pessoas com um estilo de vida singular e rodeado de estereótipos. Estendeu-se a essência da performance à vida, a arte viveu nas pessoas e as pessoas viveram – nem que apenas por alguns dias – na arte.





Compôs-se de três espetáculos da Instável Orquestra, para a 10.^a edição do Imaginarius, baseados na narrativa “A Emocionante História de Francisco, Afonsina e Outras Coisas Mais”. Resultado dos laboratórios desenvolvidos com cinco grupos numerosos, de faixas etárias muito diferentes, ao longo de quatro meses, a primeira fase do projeto consistiu na criação de uma história a partir praticamente do zero. Muitas sessões serviram de discussão e tomada de decisão sobre o destino dos protagonistas e antagonistas, sobre as questões fundamentais da vida quotidiana, crise mundial, amizade, amor, religião, e sobretudo sobre a mensagem que a história transmite. A segunda fase compreendeu a divulgação do texto da história por todas as escolas do concelho de Santa Maria da Feira, envolvendo criativamente professores e crianças, ao dar-lhes a possibilidade de contribuírem de forma ativa para o resultado final das representações. Paralelamente, o texto foi entregue aos contadores de histórias, que criaram uma versão própria, partilhada por grupos autores do texto. A terceira fase englobou o ciclo de espetáculos apresentados no Imaginarius.

Na primeira noite do festival, o público ouviu a história criada pela Instável Orquestra e apresentada por dois contadores de histórias acompanhados por um conjunto musical de mais de 150 pessoas. O resultado atingiu dimensões épicas de um cinema sem imagens, com apresentação da arte antiga de contar as histórias com uma expressão artística nova. Os dois contadores de histórias – Celina Pereira, de Cabo Verde, e Thomas Bakk, do Brasil – foram porta-vozes de tradições de países lusófonos, artistas conceituados que contribuíram com o seu espírito nesta experiência artística da Instável Orquestra com coprodução da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Empresa Municipal Feira Viva e Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua. “Venham, venham meus senhores, os contadores estão na praça. A quem pertencem as histórias populares? Os contos, os cantos? A quem criou, a quem transmitiu, ou a quem ainda hoje conta e canta aquelas histórias, ou mesmo ao povo? E se uma história popular nasce no ano 2010, a quem pertencerá, e qual será o seu futuro?”

“Grande Concerto 2010”: Integrado na segunda noite do festival Imaginarius 2010, a Instável Orquestra apresentou um espetáculo muito diferente, dando mais tempo às músicas originais que acompanham a história, criadas durante os laboratórios de improvisação. Envolvidos no processo criativo, 82 escolas do 1.º ciclo do Ensino Básico do Concelho, com os seus 6000 alunos, e o contador de histórias Thomas Bakk, que contou diferentes finais possíveis da história, inventados pelo próprio, por alunos das escolas e pelo público presente na praça. O público foi questionado: Como é que uma história acontece ao longo da EN1, entre Sanguedo, Lourosa e S. Miguel de Souto, e ao mesmo tempo chega até ao início do mundo, na procura de soluções para problemas, amores e amizades entre os personagens?



“Incrível viagem de Francisco até ao início do mundo”: Parada das escolas do concelho de Santa Maria da Feira, com a participação de mais de mil crianças, que nesta edição representaram os mil pássaros, protagonistas importantes da “Emocionante História de Francisco, Afonsina e Outras Coisas Mais”. O laboratório de construção de marionetas de pássaros, do artista brasileiro Evaldo Barros, possibilitou que cada criança explorasse a sua criatividade. Um boneco gigante muito especial, criado por professores das escolas primárias, acompanhado por uma coreografia coletiva, foi o centro da parada. O longo processo de criação envolveu narrativa, música, artes plásticas, dança e outras artes.

No âmbito deste Projeto, foram ainda realizadas as seguintes iniciativas:

Concerto Solidário | 2011
Primeiro concerto com o nome “Orquestra Criativa”, no âmbito da iniciativa da Casa Ozanam (Cineteatro António Lamoso)

Marcha Branca | 2011
Concerto integrado na programação do Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza (Claustro do Convento dos Lóios)

“A Ilha Perdida” | 2011
Concerto integrado na programação do Dia Internacional da Pessoa Portadora de Deficiência (Europarque)



Ciclo de músicas para Pinóquio | 2011
Projeção do filme documentário de
Carlos Brandão (Espaço cultural
“Blutopia”, Roma, Itália)

Lírio Quebrado | Participação espe-
cial da Orquestra Criativa com Artane
|Festa das Fogaceiras 2012

Filme-concerto, participação especial
no projeto do grupo “Artane” de Santa
Maria da Feira, acompanhamento mu-
sical e sonoro ao vivo de filme mudo
de D. W. Griffith, integrado no pro-
grama da Festa das Fogaceiras 2012
(Cineteatro António Lamoso)



O espetáculo “A Feliz Idade”, de Anna Stigsgaard, uma coprodução do Centro de Criação para o Teatro e Artes de Rua, Câmara Municipal e Empresa Feira Viva, foi o produto de um trabalho iniciado em edições anteriores do Imaginarius com artistas não-profissionais que pertencem a vários grupos da comunidade: o grupo dos 60+ (pessoas de todo o concelho de Santa Maria da Feira entre os 60 e os 87 anos de idade), os grupos Famílias+ de Canedo e Lobão, o grupo das Noivas, um grupo de nove jovens de escolas secundárias do concelho, um grupo de três crianças de uma Escola Básica do 1.º Ciclo do Ensino Básico e, como empregados de mesa da festa que acaba o espetáculo, um grupo de alunos da Escola de Hotelaria.

Durante o trabalho de criação, estes grupos e indivíduos trocaram histórias, memórias, músicas, roupas e danças, construindo assim, através do teatro, uma ponte entre gerações e indivíduos que normalmente não têm contacto. Mergulhou-se nas memórias dos participantes para procurar o sentido profundo desta faculdade misteriosa do ser humano e encontrou-se, nas histórias deles, imagens comoventes e fortes, canções belíssimas e conhecimentos surpreendentes. O cruzar de todos os elementos deu origem a um espetáculo em que diferentes pessoas e processos convergiram e se entrelaçaram no tempo e no espaço – neste caso, a arquitetura de um edifício, um museu, que tem ele mesmo uma relação estreita com as memórias.





O espetáculo terminou com uma festa que procurou recriar o encanto vivido e sonhado dos idosos quando eram crianças. Espectadores e atores sentaram-se a uma mesa elegantíssima a comer caldo de couve e, quando a orquestra começou a tocar, os atores ensinaram uma dança aos espectadores.

“A Feliz Idade: é a infância lembrada com nostalgia, quando as maçãs sabiam melhor? É o sonho da vida independente que temos ao fim da adolescência? É o esperado momento de retirar-se depois de uma longa vida de trabalho? O descanso e a calma da terceira idade vista na sua forma ideal?”

Com a nostalgia por outras idades e épocas, cada um de nós parece estar sempre numa idade deslocada: vivemos no passado ou no futuro, e a feliz idade está sempre à nossa frente ou atrás de nós. A Feliz Idade é também o nome dum lar de terceira idade fictício inspirado em nomes de lares reais que com o seu “perfume” esconde uma realidade difícil de aceitar, mas fácil de esquecer: a condição de envelhecer numa sociedade que não reconhece o valor de quem já não serve no ciclo produtivo, que coloca as pessoas em lugares que as isolam da vida – na solidão de um mundo onde as memórias já não são consideradas fundamentais para o futuro, mas tornaram-se nostalgia ou mercadoria”.

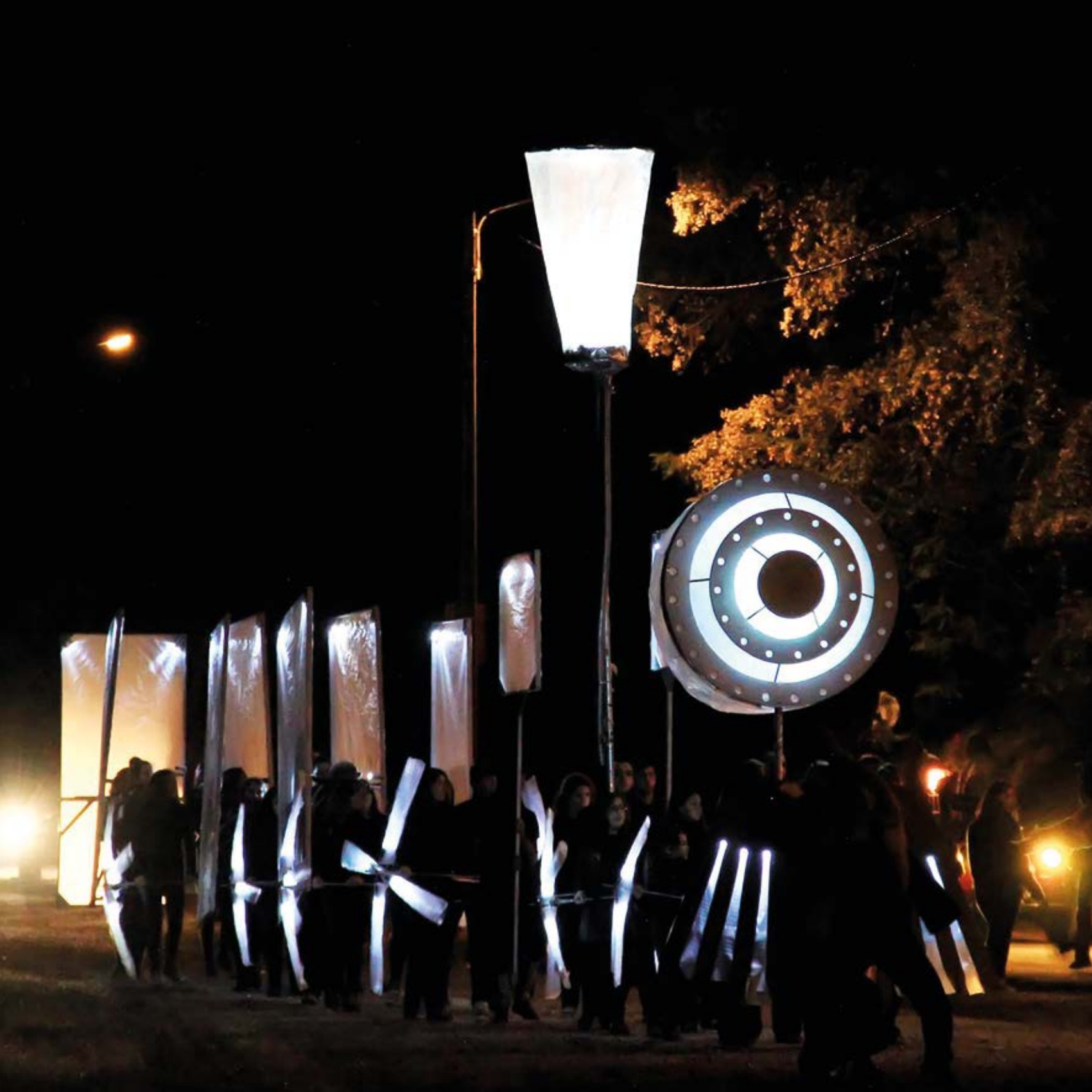
Integrado na 11.^a edição do Imaginarius, o Projeto VerticalArte, promovido pelo Grupo Cacotecnia, envolveu alguns alunos do 12.º ano de Artes Visuais da Escola Secundária de Santa Maria da Feira. O grupo propôs-se a desenvolver uma intervenção de Arte de Rua na fachada do Matadouro Municipal acompanhada por uma base musical. A intervenção contou ainda com a participação do artista português, radicado nos EUA, Rigo 23 e de um grupo de jovens da Oficina de Ideias, que conceberam o projeto em conjunto.

“O Comboio Fantasma de Santa Maria da Feira”, de Lee Beagley, foi um espetáculo comunitário criado de raiz para a 12.^a edição do Festival Imaginarius. Cocriado com estruturas artísticas feirenses – Saltarellus, Art’Encena e All About Dance – assumiu o formato de Parada musical de personagens familiares e estranhas numa celebração musical de dança e movimento. A base do espetáculo foi o encerramento da estação de comboios “Vila da Feira”.

“Encontramo-nos na estação. É uma estação onde chegará o último comboio. Para muitas pessoas, é uma estação com muitas memórias.

Uma estação de muitas partidas e chegadas. É uma estação de muitos Olás e Adeus”. A partir daí, formou-se a Parada: “Há música no ar e há estranhos a descer a linha. As pessoas esperam nas plataformas, talvez para uma última viagem à praia ou uma visita à feira... Quando o comboio chega, não é um comboio vulgar. É o Comboio Fantasma de Santa Maria da Feira. Um comboio que pode sair dos trilhos e fazer paragens em novas estações”.

A Parada desceu a colina rumo ao Mercado Municipal onde, na sua última paragem, o espírito do Comboio de Santa Maria da Feira voou para longe.



O desafio deste projeto passou por criar um espetáculo multidisciplinar, nascido da fusão de estilos, que expressou a pluralidade de estéticas e realidades sociais e culturais distintas, dando expressão a uma festa partilhada com o público.

a) “Parada dos Corpos Extraordinários do Futuro”: A Parada consistiu numa nova versão do projeto Baile dos Corpos Extraordinários, adaptado ao contexto e à temática genérica do festival Imaginarius. Em maio de 2012, os construtores da equipa FIMP (Retimbrar, Ritmare, Rufus & Circus e Corpos Extraordinários do Futuro) trabalharam com seniores, adultos, escolas e jovens (turmas 11.º K e 12.º H do Curso de Artes Visuais da Escola Secundária de Santa Maria da Feira), construindo em conjunto, novos Corpos Extraordinários. Não foram reclamadas autorias, foram feitos por todos e para todos, sendo isto o que também os torna tão extraordinários. No calor da discussão, na conversa que o trabalho permitiu e promoveu, inventaram-se estes Corpos Extraordinários e deu-se enfoque à temática do futuro: Como serão os corpos extraordinários do futuro? Como serão os corpos normais (ordinários)? Muito mais do que uma reflexão sobre as questões do pós-humanismo/transumanismo, este foi um espaço de trabalho conceptual, discursivo e manual sobre as possibilidades que se abrem quando pensamos o nosso dever coletivo. Em Parada, os corpos saíram à rua, na companhia dos grupos de percussão Retimbrar (Associação Qualificar para Incluir), Ritmare e Rufus & Circus, cerca de 400 crianças das escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico do concelho, com a

presença de um coletivo musical. A Parada culminou num baile, com participação do público presente, em que a Banda dos Corpos Extraordinários, a Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira e as Orquestras convidadas tocaram os primeiros acordes da música do futuro. Com direção artística de Igor Gandra e direção plástica de Raul Constante Pereira.

b) “Concerto e Baile Comunitário”: Numa criação original para o 12.º Imaginarius, a Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira, com o seu diretor artístico Aleksandar Caric, foi promotora deste encontro entre orquestras comunitárias de Portugal de diferentes tipologias. Formado por um conjunto musical de 400 pessoas, o espetáculo contou com todos os tipos de instrumentação: vozes, sopros, cordas, percussões, guitarras elétricas, entre outros. Representou o povo português em toda a sua beleza, todas as idades e estratos sociais, um povo que cria, que canta e toca a sua própria música original, a música popular do século XXI. Elementos da orquestra: Agrupamento de Escolas de Milheirós de Poiares; EB Dr. Moisés Alves de Pinho – Fiães; Grupo Famílias+ do Ferradal – Fiães; Grupo Famílias+ de Sanguedo; Rufus & Circus – Casa dos Choupas, Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL; Casa Ozanam – S. João de Ver; Centro Social Dr. Crispim – Milheirós de Poiares; Banda The Paper Ash; Coro da Universidade Sénior de Santa Maria da Feira; Coro da Universidade Sénior do Rotary Club de S. João da Madeira; Canto Nosso Projeto Musical – Milheirós de Poiares; Débora Silva; Xavier Macedo; Orquestra Geração.





“A Viagem”, da coreógrafa Filipa Francisco, nasceu na Palestina e ganhou corpo com o folclore português, com estreia na Capital Europeia da Cultura, em Guimarães. O Imaginarius, na edição de 2012, propôs à coreógrafa que desenvolvesse o espetáculo nas ruas de Santa Maria da Feira. Assim, “A Viagem” foi adaptada, com a participação do Rancho Folclórico Os Malmequeres de Lourosa e do Rancho Folclórico e Etnográfico de Terras de Santa Maria, da freguesia de Rio Meão, com participação especial de Helena Mota do Rancho Folclórico S. Tiago de Lobão. Todos abraçaram o desafio de vasculhar e reinterpretar os fundamentos e as memórias das danças que dançam há décadas. Durante três semanas, a equipa d’A Viagem e os músicos e bailarinos dos ranchos desenvolveram uma partitura coreográfica e musical que misturou dança tradicional e dança contemporânea, criando um percurso comum a partir de diferentes linguagens, práticas, tempos e razões.





O espetáculo “VALE”, da coreógrafa Madalena Victorino, com música de Carlos Bica, foi adaptado para a rua, no âmbito do festival Imaginarius, integrado na sua 12.ª edição. Um espetáculo de dança contemporânea que reuniu sete bailarinos, seis músicos e um grupo de aproximadamente 60 pessoas, de todas as idades, no mesmo palco. “VALE” falou do Sul, do Sul da Europa, da relação do homem com a Terra, uma terra que é feita de rio. Quando o rio decide comandar como um oceano, ele transborda e invade a terra com a força de um touro. “VALE” falou do trabalho, de homens e de mulheres, e do abismo que a energia dessa relação contém. Falou da festa como a mais antiga das celebrações, do jogo que, na arena, pôs na senda da morte escravos e animais. Uma experiência de imagens em movimento que tocou a pele do espectador

num cenário nu, mas vivo, sonoro e humano, em que a música ao vivo arrebatou tanto a força quase bruta da multidão, como a doçura do gesto mais pequeno. Um trabalho sobre o prazer e a vertigem de se estar em conjunto, em que movimentos do código da dança encontraram-se com gestos e ações de um quotidiano que vem da terra. O coro de movimento, que foi trabalhado nesta peça por pessoas sem experiência performativa, interpelou os bailarinos e evocou o que de universal e extraordinário existe na comunicação não verbal: o valor sensual, telúrico e afetivo dos corpos que, ao escrever no espaço e em conjunto movimentos de uma simplicidade desconcertante, se abrem a uma possível e profunda leitura sobre a condição humana e a condição dos tempos que vivemos.



Integrado na 12.^a edição do Imaginarius, resulta de um trabalho colaborativo entre a Orquestrinha Criativa de Santa Maria da Feira e o Grupo de Expressão da Cercifeira. A subtil teia de aranha espalhada de luminosas gotas de água ganha força e fogo, uma metáfora daquilo que acontece quando tocamos. O método de criação orgânica da música põe todas as pessoas, cada uma com as suas capacidades e emoções (diferentes), no mesmo plano. A interação é em primeiro lugar humana, mas o resultado final é uma atuação artística em toda a sua complexidade. Algumas músicas foram criadas durante as sessões e outras pertenciam ao antigo repertório da Orquestra Criativa, um coletivo, com direção artística de Aleksandar Caric, composto por 15 pessoas com necessidades específicas de funcionalidade e/ou incapacidade.



Parada e Concerto integrados na 13.^a edição do Imaginarius, Blast foi uma explosão de energia, música, cor e dança nas ruas de Santa Maria da Feira. Uma concentração de movimentos, imagens e sonoridades urbanas contemporâneas, ritmos oriundos de Europa e África. A participação do público em toda a extensão da parada foi o rastilho que alimentou e fez explodir todo o espetáculo. Blast – Urban Ballets é um projeto transnacional e intercultural, com artistas de sete países diferentes e uma dimensão intergeracional, com pessoas de todas as faixas etárias e de diferentes estratos sociais. A parte visual da parada foi dirigida por coreógrafos de três países diferentes, juntando as influências do hip-hop, do house e de vários estilos urbanos da África do Sul,

enquanto a direção musical contou com a presença de quatro nacionalidades diferentes que combinaram instrumentos de percussão tradicional portuguesa e instrumentos construídos a partir de materiais reciclados com outras sonoridades e com uma forte componente de instrumentos elétricos e eletrônicos.

Blast foi um palco de experimentação interdisciplinar, de encontro e celebração de culturas, resultando num espetáculo de fusão protagonizado por comunidades que, por norma, não estão habituadas a trabalhar em conjunto. Um exemplo de trabalho de inclusão social, uma grande festa do público, um projeto em que participaram 400 pessoas de coletividades locais (200 bailarinos e 200 músicos). Os figurinos foram baseados em elementos

conceptuais harmónicos, com referências a uma tradição urbana musical, e em elementos populares portugueses, com maior incidência e destaque nas matérias-primas locais, aproveitando as sinergias de toda uma região, rica em indústria inovadora e diversificada. O propósito da parada foi intensificado pelo conjunto de chapéus voadores que simbolizaram a consagração da música e do movimento.

O projeto contou ainda com a construção e manipulação de grandes marionetas pela companhia francesa Les Grandes Personnes e grupos locais. Em Blast, participaram o Projeto Internacional Urban Ballets Hamid Ben Mahi, Frédéric Faula – França; Steven Mpiyakhe Faleni, Vusumuzi Wellcome Mdoyi – África do Sul; Jo Zanders – Bélgica; José Carlos Gomes Ferreira – Brasil; Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira; All About Dance – Santa Maria da Feira; Les Grands Personnes – França; RITMARE – Colégio Liceal Santa Maria de Lamas;

Maestro Professor Pedro Almeida; Banda Musical Santiago de Lobão – secção Orquestra Juvenil, Grupo Danças Urbanas – Colégio Liceal Santa Maria de Lamas; Semp'r'a Bombar – Associação Pelo Prazer de Viver, Saúde, Cultura e Vida; Centro Social Dr. Crispim Ferreira Borges – Milheirós de Poiares; EB Coelho e Castro; EB Milheirós de Poiares; EB1 Aldeia Nova – Lourosa; Famílias+ do Ferradal – Fiães; Universidade Sénior de Santa Maria da Feira; Maestrina Saudade Campos; Universidade Sénior do Rotary de S. João da Madeira; Rufus & Circus – Casa dos Choupos Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL.; A TruPe – secção do Grupo Canto Nosso, Milheirós de Poiares; A Rua'Da – Fórum Ambiente e Cidadania de Mosteirô; Músicos da Orquestra Ligeira de Louredo; Músicos da Orquestra do Colégio Liceal de Santa Maria de Lamas. Com direção musical de Aleksander Karic e direção coreográfica de Vítor Fontes.





Promovido pelo Grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, da Casa dos Choupos – Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL, e apresentado na 13.ª edição do Imaginarius, tratou-se de uma peça sobre a dança na vida das pessoas, sobre entrega e partilha. Dançar de olhos fechados. Dançar em grupo. Dançar sozinho. Dançar na rua. Dançar em casa. Dançar a dois... 12 pessoas de diferentes idades demonstraram o prazer de dançar numa peça que refletiu sobre a intimidade e o desejo. Ao dançar, cada intérprete era recompensado pela sensação desse prazer através de movimentos presentes nas suas vidas. A direção artística ficou a cargo de Helena Oliveira.

A finalidade específica deste projeto era a criação de um espetáculo para o Imaginarius 2013 em que os atores fossem moradores/vizinhos de Santa Maria da Feira (juntando três freguesias, Lobão, Louredo e Guisande, que com a reorganização do território nacional fundiram-se numa só). A médio prazo, o objetivo prendia-se com a consolidação de um grupo de teatro comunitário que crescesse e se desenvolvesse. O espetáculo estava centrado na memória coletiva, o aspeto central do teatro comunitário, metodologia de trabalho que existe há quase

coletiva, com vista ao empoderamento da comunidade local. Numa articulação permanente com o Espaço Trevo, ação também integrada no Projeto Direitos & Desafios que se constitui como uma resposta concelhia no âmbito da violência doméstica, o teatro-fórum “Somos Nenhum” surgiu como uma criação coletiva, resultado da reflexão e debate sobre a problemática da violência doméstica e da violência no namoro. Apresentado diversas vezes, para públicos distintos, inclusive para público escolar.

30 anos na Argentina, designado por “Teatro de Vizinhos para Vizinhos”. Os vizinhos foram dirigidos por profissionais do teatro, música e artes plásticas, num espaço onde desenvolveram a criatividade numa criação coletiva que teve como base a memória e a identidade: “De onde viemos? O que nos aconteceu? O que dizem as nossas canções sobre nós mesmos?” O espetáculo retoma alguns momentos da história dos últimos anos contados do ponto de vista dos vizinhos de Santa Maria da Feira.



Uma viagem pela identidade, a partir de relatos, fragmentos, recordações dos participantes. A criação teceu os momentos latentes na memória coletiva, incorporando as personagens locais e as lendas populares. Os vizinhos foram criadores e protagonistas da sua história nesta produção que se propôs a instalar a prática artística na vida quotidiana dos habitantes locais. Simultaneamente, e também a partir deste material, o muralista Omar Gasparini esboçou um mural que pintou com todos os vizinhos. Inaugurado no Festival, foi um modo de reunir e fazer participar os habitantes de Santa Maria da Feira. Desta forma, a Arte/Teatro uniu diferentes grupos, gerações, histórias, quotidianos, potenciando as dinâmicas sociais e promovendo o desenvolvimento individual e coletivo. Com direção artística de Edith Scher e Omar Gasparini, interpretação do Grupo de Teatro Comunitário de Lobão, Louredo e Guisande e participação de alunos da EB da Corga de Lobão.



Projeto original apresentado na 13.^a edição do Festival Imaginarius que contou com a participação da comunidade feirense (maiores de 16 anos). O primeiro encontro realizou-se no dia 2 de março de 2013 no antigo Mata-douro Municipal. Todos os que tinham vontade de pedalar e de imaginar foram convidados a comparecer e a trazer a sua bicicleta. No mesmo dia, abriu o centro de recolha de bicicletas velhas e usadas. Partindo da ideia

base de que o uso da bicicleta é uma forma própria e alternativa de habitar a cidade, permitindo uma relação mais direta com o mundo e introduzindo uma dimensão mais humana na relação com o espaço, o projeto integrou várias dimensões: social, cultural, económica, desportiva e ambiental. O “Baile das Bicicletas” contou ainda com a participação de crianças de escolas do concelho.



Em 2013, o artista plástico Vhils concebeu o “Diorama Cork Factory” com apoio de trabalhadores do setor da cortiça das empresas Amorim Cork Composites, Granorte e JPS Cork Group. A peça, com cerca de 7m de altura, em cortiça, retrata o rosto de um operário sénior da principal indústria do concelho e pretende explorar a relação de influência recíproca existente entre o ser humano e o meio onde trabalha. Um projeto artístico participativo que envolveu os operários da fábrica também num cortejo de tributo aos próprios que culminou com a colocação da peça na fachada da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, onde se encontra em exposição permanente desde então.





“Pássaro-Pessoa”, apresentado na 14.^a edição do Imaginarius, tratou-se de um projeto performativo e multidisciplinar que fundia as artes da marioneta, do bailado, do teatro humano e da música. As Marionetas da Feira associaram-se ao Projeto Alquimia e aos alunos do curso de Animação Sociocultural da Escola Secundária Coelho e Castro para promover a iniciação de jovens no teatro e artes de rua. As migrações do Pássaro-Pessoa assumem-se como adaptações a ambientes favoráveis, à resistência a locais ermos, a deambulações entre sentimentos e a simples viagens entre trajetos.





Concerto comunitário, solidário, a favor das vítimas das cheias na Sérvia, com a presença do Embaixador da Sérvia em Portugal. O concerto realizou-se no Centro Cultural de Milheirós de Poiares e a Orquestra Criativa convidou The Loyd, Shared Files, Canto Nosso e Orquestra Milheiroense, Vânia Lopes e Lúcia Rodrigues.





“MULTIDÕES” do Grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, promovido pela Casa dos Choupos – Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL, foi um espetáculo de dança apresentado na 14.^a edição do Imaginarius. “Quando uma massa humana se manifesta leva aos ombros todo o peso da história da humanidade, os anseios, as ruturas e expectativas criadas por anos de lutas e transformações da sociedade, muitas vezes com sacrifícios, mortes e injustiças inusitadamente violentas, tudo com o objetivo máximo de perpetuar o status quo das classes dominantes. Quando essa massa só encontra a manifestação como forma de se fazer ouvir, é sinal que aqueles que, em princípio, os defenderiam, lhes impingiram discursos que de forma

alguma vão ao encontro das necessidades dessa multidão, fazendo de seguida o oposto. Numa manifestação, são os corpos que estão à frente, uns empurrados pelos ideais, pelos sonhos, pelos credos e pelas manipulações a que estão submetidos, outros empurrados pela autoridade de quem não enfrenta as consequências dos seus atos. Uns corpos tomam formas e atitudes diferentes conforme os interesses dos seus donos, uns acobardam-se à mínima resistência/violência encontrada, outros movem-se de uma forma radical em que o interesse pela integridade do corpo é suplantado pelo interesse de quem o possui, seja ele coletivo ou próprio, não deixa, também, de ser uma forma de violência contra os opositores. Outros ainda são guiados pela obediência de quem lhes



paga para exercer pressão sobre os demais e então não existe neles nada de criativo ou poético porque a força que deles emana advém da necessidade de subsistência física. A beleza e o terror de tudo encontra-se na manifestação dos corpos que representam tudo o que vemos e vivemos, exteriorizando em cada luta, diária ou não, uma revolta, uma doçura, um medo, uma raiva... que não pode ser ultrapassada e que tem que ser vivida.” (Manuel Magalhães, 2014)





O projeto Gamelão de Plástico desenvolveu uma nova abordagem musical utilizando o plástico na construção de instrumentos provocando a reflexão sobre o uso deste material e o seu impacto ambiental.

Durante o seu percurso, a Orquestra Criativa experimentou vários tipos de instrumentos de tubos de plástico, com grande envolvimento de pessoas de todas as idades e com um impacto musical e visual forte. Em 2014 integrado na programação do Imaginarius, a experiência levou à projeção de um conjunto de instrumentos radicalmente diferentes. O Gamelão de Plástico inspira-se no princípio de organização dos instrumentos do gamelão indonésio, mas adaptado às músicas europeias, e o resultado foi um novo e

potente instrumento coletivo que facilita a abordagem da música a qualquer pessoa sem conhecimento do pentagrama musical ou sem experiência musical.

Na edição de 2015 do Imaginarius, o projeto Gamelão de Plástico foi novamente apresentado, em diferentes formatos: exposição da peça enquanto escultura, com a possibilidade de ser utilizada livremente pelo público; laboratórios de curta duração para crianças, famílias, jovens e comunidades; parada final com grupo de músicos de tubofones, percussão, sopros e participação do público; e concerto, explorando o potencial musical do instrumento e apresentando de uma sequência de composições.



Proposta da companhia Teatro Em Caixa para o Imaginarius 2014 que versou a pintura de um mural com base no estudo de imagens e histórias do universo cinematográfico infantil. O trabalho foi precedido de uma instalação artística composta por um percurso de bancos de jardim com balões e revestidos com desenhos de crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, das escolas do concelho. Este circuito levou o

público, de forma lúdica, até à pintura, ao vivo, do mural. É um circuito sonhador para crianças e mesmo adultos que ao sentarem-se num assento voador imaginam o que fariam ou que aconteceria se nem o céu fosse o limite. Os desenhos das crianças, para além de constituírem objeto de instalação artística, foram fonte de inspiração para a pintura do mural. Desenho original da artista Rita Pinto.



“Malhas Imaginárias” foi um projeto da autoria de Carla Silva, apresentado no festival Imaginarius de 2014, na Praça Gaspar Moreira, no centro histórico de Santa Maria da Feira. Envolveu centenas de pessoas, desde agrupamentos de escolas a Instituições particulares de solidariedade social, na criação de 1600 peças de crochet ou tricô de várias cores, que foram expostas em bancos, postes de iluminação, árvores de pequeno e grande porte, entre outros elementos urbanos. A matéria prima escolhida para a elaboração dos elementos tricotados foi a lã acrílica e foram utilizadas várias técnicas, como o crochet celta, o crochet tridimensional, entre outros.

“Malhas Imaginárias” assumiu-se como um projeto de vários objetivos, desde logo impulsionar a recuperação

e utilização das técnicas de tricotar (crochet ou tricot), trazendo cada vez mais pessoas para a prática desta técnica milenar; envolver a comunidade em objetivos comuns, participando com os seus conhecimentos e capacidades de intervenção (valorizando a participação de instituições e dos seus utentes); valorizar e chamar a atenção para espaços públicos (urbanos) como locais para preservar, desfrutar e partilhar, cuidando deles como se fossem um prolongamento das casas de cada um; utilizar elementos urbanos, como árvores, candeeiros, bancos, floreiras, postes, etc., como telas para expor a arte de tricotar; e ainda, sensibilizar as pessoas para o respeito e convivência diária com a arte, seja ela em espaços urbanos ou locais especiais para a sua exposição.

“Quantos são EU?” foi um projeto performativo para a 15.^a edição do Imaginarius que partiu da identidade dos 17 performers do grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, da Casa dos Choupos – Cooperativa Multissetorial de Solidariedade Social, que tinha como meta a construção de um “eu” coletivo que refletisse a ligação entre os intervenientes. Cada performer expôs o seu “eu” no palco, tendo-se confrontado, assim, os vários “eus” que compõem este coletivo. A relação “eu-outro” foi explorada com recurso ao objeto espelho, uma ponte de ligação entre os intérpretes e o público, levando este último a refletir sobre o seu próprio reflexo. A interação performer-público foi constante.

Para além do uso do espelho, houve a intenção de contaminar o público com cada “eu” através de sussurros e proximidades. O projeto abordou a diferença entre o indivíduo em conjunto e a unidade, dois sentidos interdependentes da lógica de que para constituir uma individualidade, é necessário um coletivo. A ideia subentendida é que “apenas existo a partir do outro, da visão do outro”. “EU, palavra que se projeta no espaço, literalmente, sem sabermos bem para onde e até onde. Sou feita de EUS, dos EUS com quem me cruzo, dos EUS em que me reflito, dos EUS que me criam, dos EUS que me fazem tropeçar, dos EUS que me fazem saltar, dos EUS que me fazem sonhar e

“IN N’ OUT” (de dentro para fora) foi um projeto de arte pública comunitária, do coletivo artístico Omnia Ars, que pretendeu expor obras de pintura nas varandas do Centro Histórico de Santa Maria da Feira, no âmbito da 15.^a edição do Imaginarius. As obras, em forma de silhuetas humanas, foram fruto de um trabalho de campo com a população e de um workshop de construção conjunta. Um projeto identitário que remeteu para as memórias intrínsecas do território feirense e se destacou pela colaboração com a turma de artes da Escola Secundária de Santa Maria da Feira que teve, neste projeto, o primeiro contacto com as artes de rua.



dos EUS que me fazem vibrar. EU sei que sou tão mínima quanto a palavra, enrolo, desenrolo, grito, rebolo, rasgo, sangro, danço, arranco, e volto ao mesmo estado, ao EU. Sou EU mesma, independentemente do que faça. Espelhando o nosso EU, tentamos a cada dia aperfeiçoá-lo, qualificá-lo, quantificá-lo, avaliá-lo, estupidamente, não há critérios. Cada EU é tão EU, à sua maneira, única, que o torna um EU. Não há EUS repetíveis. Não há EUS como o mEU. Há EUS que subitamente deformam o nosso EU, que o tornam um EU diferente, o mesmo EU, modificado, o nosso EU é dançante. Viaja de EU em EU, até ao fim de todo o seu reflexo. EU, desde o sangUE à energia intermitente que me percorre

a espinha, essa que me fez querer saltar mais alto do que o sol. Esse EU, construído diariamente, percorrendo a infinita distância que separa o E do U, de olhar em olhar, toque em toque, arranhão em arranhão. O sangUE é a inversão do nosso EU interior, é o EU que nos percorre de forma contrária, de forma bruta e que é escondida. Não há dois sangues iguais, há misturas deles, há aqueles que encaixam na perfeição, EU com EU, inversamente completando-se, camufladamente por debaixo do EU mais hipócrita. Percorro o mEU EU vértebra por vértebra até ao último suspirar, nada me pertence tão pouco como o mEU EU” (Mariana Ataíde, elemento do coletivo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia”, 2015)



“Expandê” foi um espetáculo comunitário, com direção artística de Madalena Vitorino, apresentado no Museu do Papel de Paços de Brandão. “Expandê” contou a história da indústria do papel, numa composição de música e dança que envolveu 40 pessoas da comunidade de Paços de Brandão. O título deste espetáculo provocou a reflexão sobre o sentido verbal de “expandê” em referência à construção de algo que se estende para o futuro, ao mesmo tempo que, relaciona este significado com o termo “espande”, nome dado às salas arejadas que os engenhos de papel reservam para a secagem do mesmo. Numa homenagem aos 300 anos de história da indústria do papel na região, este espetáculo contemplou também uma residência artística, num projeto integrador que envolveu a Academia de Música de Paços de Brandão, CIRAC – Círculo de Recreio, Arte e Cultura de Paços de Brandão, DAO – Associação Cultural e Desportiva e ex-trabalhadores da indústria do papel, com ligação ao território.





Uma iniciativa do grupo Teatro em Caixa, integrado na Associação Sótão do Vizinho, que desenvolve projetos culturais comunitários inclusivos. A Festa da Marioneta e da Música consiste na construção de espetáculos com a comunidade, artistas profissionais, pessoas com incapacidade e pessoas com experiência em doença mental, de várias localidades, através de teatro, música e dança. O público desfruta de um espetáculo divertido e reinventado a cada ano, com novas atuações e convidados. Entre músicos e atores, profissionais e amadores, sobem ao palco cerca de 100 artistas.

CERCO A LOUROSA

2015

“14 de outubro de 1964. O sino tocou a rebate e mais uma vez o povo da aldeia de Lourosa acorre ao Arraial para impedir a saída do padre Damião...”. Espetáculo multidisciplinar da Companhia Persona que contou com a participação da Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira e de coletividades, artistas e população de Lourosa.





HÁ FESTA NA ALDEIA
– AREJA E PORTO CARVOEIRO
2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017

Lançado em 2013, o programa Há Festa na Aldeia (HFA), iniciativa da ADRITEM – Associação de Desenvolvimento Regional Integrado das Terras de Santa Maria, propõe o envolvimento ativo da população, estimulando os usos e costumes, as tradições culturais e a gastronomia das cinco Aldeias de Portugal em Terras de Santa Maria. Nesse sentido, o maestro da Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira foi desafiado a desenvolver laboratórios de criação musical com a população. Alguns dos participantes nunca tinham pisado um palco e com os seus 60, 70 e 80 anos viveram “uma experiência inesquecível”. Em 2015, na aldeia de Areja, apresentou-se uma parada e concerto com tubos de plástico, tubofones, em colaboração com o grupo Ritmare e o rancho da Lomba, cruzando-se tradição e inovação. Em 2017, a parada e concerto contou com o grupo de percussão de Lobão e a população local, a tocar harpa.

Arquivo Hã Festa na Adeia (HFA)



Arquivo HFA





“Mira! Mira! Miró, Mirando!” é um espetáculo de teatro da autoria do grupo Art’Imagem em coprodução com os alunos de Artes do Ensino Básico (AEC) e do Ensino Secundário do concelho de Santa Maria da Feira. A experiência nasceu da determinação de criar um produto local com o público escolar para apresentação num dos eventos concelhios mais reconhecidos internacionalmente: Imaginarius – Festival Internacional de Teatro de Rua. Com os objetivos de contribuir para a formação artística e cultural das crianças e jovens do concelho e desenvolver o sentimento de pertença e identidade cultural, foi lançado o desafio da construção cenográfica do espetáculo a partir da interpre-

tação da obra de Miró “O Carnaval de Arlequim”. Debruçando-se sobre os elementos que constituem a obra pictórica, despoletou-se um universo de combinações bi e tridimensionais que deram origem a cadeiras, mesas e bandeiras integradas na cenografia do espetáculo. O resultado deste trabalho fez parte da programação do Imaginarius 2016 e seguiu em digressão por várias cidades, levando na sua ficha técnica referência à participação das escolas e aos elementos por elas construídos. De todas as apresentações realizadas, destaca-se a sua integração na programação de Serralves no âmbito da Exposição “Joan Miró: Materialidade e Metamorfose”.



“A pomba da paz é símbolo de uma ambição nobre da humanidade, de uma condição desde sempre procurada e nunca totalmente atingida. O tema das revoluções futuras é usado como ponto de partida com variadas possibilidades de interpretação. Revoluções podem ser científicas, filosóficas, sociais, ambientais, etc. Só através destas revoluções a humanidade pode atingir um dos seus objetivos mais importantes”.

Projeto realizado pela Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira com o objetivo de incentivar não só a criação musical, mas também sessões criativas sobre o conteúdo filosófico que deu corpo ao espetáculo da orquestra. Este trabalho desenvolveu-se ao longo de sete meses, juntando profissionais

de diferentes áreas artísticas e um grupo de crianças, jovens, adultos e seniores do concelho que trabalharam na criação de um objeto artístico.

A cenografia englobou uma gigantesca escultura sonora composta por um conjunto de outras pequenas esculturas, 16 harpas amplificadas com microfones de contacto. Uma tecnologia muito pouco utilizada no âmbito dos projetos comunitários, de pouco custo e de fácil abordagem, mas com enormes possibilidades de pesquisa. Desta forma, criou-se um intenso diálogo entre tradição e inovação, aproveitando elementos da tradição como a música popular, música erudita e música de repertório das bandas musicais locais. Apresentado na 16.^a edição do Imaginarius.



A performance artística “Não sei mexer as mãos” do Grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, da Cooperativa Casa dos Choupos – Cooperativa Multissetorial de Solidariedade Social, CRL, foi apresentada no festival Imaginarius 2016, pretendendo abordar a importância da memória. Como pressuposto de que a memória é aquilo que somos, grande parte da nossa essência é memória. O corpo é memória. Ao longo do espetáculo, observou-se as reações físicas dos corpos sem memória. O que acontece quando a perdemos? Talvez sejamos mais criativos sem ela. Estas questões levantadas pelos intérpretes serviram de base para a construção de duetos íntimos, solos descontrolados, uníssonos lentos e histórias antigas. Na interação performers/público, surgiram momentos inesperados, por parte dos intérpretes, fruto de reações espontâneas de um corpo sem memória. Pretendeu-se que

o público sentisse o desconforto real de algo que fugiu da norma. Porque é que para nos levantarmos da cama, apoiamos os braços para levantar o tronco, voltamo-nos e pousamos os pés no chão? Sem memória o que sou? Sou sequer? Como funciono? Terei noções? O que faço? Desmemoriado será uma página em branco? Será um corpo estranho que não tem treino para servir de suporte à memória? 45 minutos de tensão, alívio, desconforto, conflito e surpresa, algumas das sensações que o público experienciou no decorrer da peça. “Abro os olhos e logo nesse instante construo a minha primeira memória, o vazio deixa de ser absoluto. Tenho medo de me largar. Tenho medo que o meu corpo não perceba o que eu quero fazer. Reparo que tenho uns dedos finos e enormes e que, desde que acordei, poucas vezes os usei. Para que servem?”.



A OLInDA – Oficina Liteiros com Inovação e Design Acrescentado foi uma oficina de tecelagem para a construção de liteiros tradicionais com valor acrescentado ao nível da inovação e design dirigido a pessoas em situação de desemprego. Uma atividade do Projeto Direitos & Desafios IV, enquadrado no Contrato Local de Desenvolvimento Social 3G que teve início em janeiro de 2016, com a Casa dos Choupos – Cooperativa Multisectorial de Solidariedade Social, CRL como entidade coordenadora e a ADRITEM – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado das Terras de Santa Maria da Feira, o CTCP – Centro Tecnológico do Calçado de Portugal e a AMICIS – Associação Amigos por uma Comunidade Inclusiva de Sanguedo como entidades executoras.



“Dawn at Galamanta” é uma obra operática contemporânea inclusiva, da autoria do compositor sueco Christian Lindberg, que trata a fragilidade humana perante o amor, a inveja, a traição e a culpa. Durante a criação, o compositor teve a preocupação de dar oportunidade a todos os participantes de desenvolverem a sua capacidade artística independentemente das incapacidades decorrentes da deficiência ou do seu conhecimento prévio sobre arte. Sem libreto definido à partida, o argumento foi criado em conjunto com os participantes.

Segundo o mesmo princípio, a abordagem de Clara Andermatt foca-se na premissa de que apesar do conhecimento prévio diferenciado, é possível e desafiante a criação artística de um trabalho rigoroso e de qualidade com pessoas com diferentes experiências e aprendizagens. Além de cruzar música na sua vertente de ópera e dança, é importante evidenciar que esta criação estabeleceu uma ponte entre dois projetos de índole comunitária no concelho de Santa Maria da Feira: LaB InDança e a Orquestra e Banda Sinfónica de Jovens de Santa Maria da Feira.





Performance de dança do Grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia da Casa dos Choupos – Cooperativa Multissetorial de Solidariedade Social, CRL, para o festival Imaginarius 2017. “O homem que engordou quando engoliu a arte mantinha a esperança de nunca mais emagrecer. Passou a existir evitando os movimentos excessivos, como se o corpo imobilizado aprisionasse toda a arte do mundo. E assim morreu, morto de arte em si, pois nunca mais ninguém o viu a comer, a beber ou mesmo a pensar. Consta que morreu com 104 anos”.



O Manifesto surge como um conjunto de identidades individuais, introspetivas e reflexivas sobre os nossos dias. O que cada um apreende da realidade que o rodeia, o que cada um constrói sobre essa realidade, o que cada um absorve ou rejeita reflete-se num conjunto de fotografias autobiográficas e com fortes referências antropomórficas, que conduzem o espectador

a pequenas histórias contadas na primeira pessoa. Este projeto envolveu os alunos do curso de Artes Visuais da Escola Secundária de Santa Maria da Feira e da Escola Secundária Coelho e Castro (Fiães), com direção artística de Guilherme Henriques. O resultado do trabalho fotográfico foi exposto no espaço público durante os dias do Imaginarius 2017.

A compreensão do nosso “eu” implica uma introspeção do reflexo de nós mesmos. REFLEXO consistiu num desafio artístico e social que pretendeu ser o espelho do que somos enquanto seres capazes de imaginar o que queremos para o nosso futuro. Um trabalho artístico com alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico com forte pendor refletivo e introspetivo. O objetivo foi incentivar os alunos a refletirem sobre a palavra “Reflexo”, surgindo

desta reflexão as palavras espelho, água e vidro, numa esfera mais pragmática. Partiram depois, desta ideia mais física, para o exercício de desenhar o próprio rosto sobre um acetato colocado num espelho, refletindo uma emoção (alegria, tristeza, medo, confiança), e a partir daí a exploração e representação de situações para os fazer sentir a emoção escolhida. O trabalho resultou numa instalação apresentada no Imaginarius 2017.

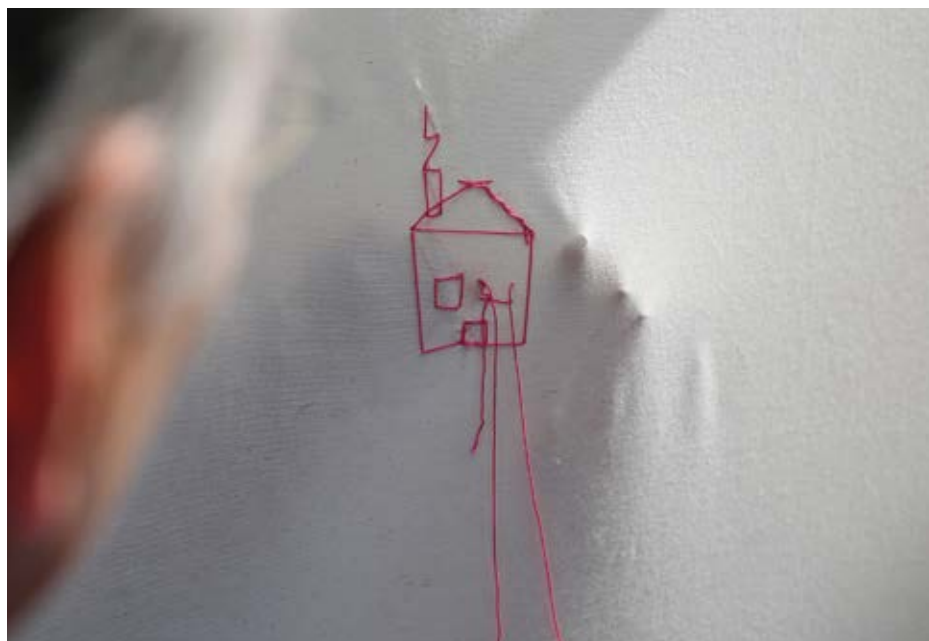




“Saíndo da lagoa um Ser que não o estereótipo da mulher linda para o comum dos mortais... uma visão avassaladora. Uma mulher livre, feliz, enérgica, na sua solidão intocada pela frustração e pelo desamor. Tinha as rugas de um elefante vincadas na pele acinzentada. O corpo ligava-se da tromba à cauda, meneando-se de uma forma singela. Estendendo-se de uma forma especial, de ser único. A sua pele por vezes adquiria um tom acastanhado que batido pelo sol lembrava o pelo de um camelo estendido como uma seara brilhante batida pelo vento deitando-se prazenteiramente rente ao chão. A sua forma de caminhar lenta e segura permitia-lhe sem esforço percorrer grandes distâncias graças à amplitude das suas passadas. O seu corpo enorme e com formas estranhas, uma simbiose do enorme elefante com a silhueta de um camelo, tornava aquela imagem numa espécie de ser mítico e deslumbrante. Talvez por isso nunca tenha ouvido um berro, tido uma desilusão. Afigurava-se deslumbrante aquele ser vestido somente pelo sol. Ficou a ser a pessoa com quem partilharia o infinito do tempo. Os sonhos do seu corpo cortados por outros corpos, marcados pela vida e pelo tempo, diluídos noutros corpos, tornar-se-ão um corpo invisível, amarfanhado pelas consciências alheias, mutilado pela ignorância, marcado pela barbárie, pelo medo de quem o quer enfraquecer.” (Manuel Magalhães, 2017)







Das varandas do passado para um jogo de modernidade, a partir da replicação da oficina Ilustrar com Linhas e Agulhas em diversas turmas do 1.º ciclo do Ensino Básico do concelho de Santa Maria da Feira, um novo contexto foi proposto para as colchas da nossa memória. A (re)interpretação de um elo forte da memória coletiva, que transporta o centro histórico para uma nova abordagem visual, resultou nesta instalação de arte pública, fruto de um trabalho de mediação ativa na rede escolar.



PINOCCHIO JOINS ORCHESTRA (ON S.T.R.E.E.T.)

2018 > 2021



Pinocchio Joins the Orchestra (ON S.T.R.E.E.T.) foi um projeto europeu de cooperação com um forte pendor de coesão social que uniu orquestras de rua com vista ao desenvolvimento de um projeto amplo de criação de competências e conexões. Symphonic Tracks European Educational Training é a designação que melhor traduz a ideologia e objetivos a médio prazo do projeto que, no ano 2018, apresentou no festival Imaginarius um concerto original a partir da experiência dos primeiros meses de evolução do projeto:

a) “O Bairro do Pinóquio”: nova obra da Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira, desenvolvida no âmbito da candidatura Erasmus+.

E se o Pinóquio nascesse em 2019, em Portugal, em Fiães, qual seria a sua história? Colhendo inspiração da história original “As aventuras do Pinóquio”, de Carlo Collodi, de 1883, desenvolveu-se um trabalho criativo de interpretação da história a partir das vivências dos habitantes verdadeiros ou imaginados na tentativa de a transportar para o público do século XXI. Um espetáculo musical, resultado dos numerosos laboratórios de composição de músicas originais, de escrita-poesia e de cinema de animação, que cruza a memória do conto com a atualidade. “O Bairro do Pinóquio” foi uma cocriação de: Orquestra Criativa Santa Maria da Feira (PT), Music Art Project (SRB), Una Rete Per La Musica (IT), Comunidade do Empreendimento Habitacional



do Ferradal – Fiães (PT), Escola Básica e Secundária Coelho e Castro, Escola Básica de Canedo, Escola Básica de Casalmeão, Lourosa, Escola Básica Chão do Rio, Fiães, e Escola Básica Arraial, Sanguedo.

b) Exposição de Fotografia: Dez fotografias dos vizinhos do Pinóquio ilustraram o quotidiano dos moradores do empreendimento habitacional do Ferradal, em Fiães, bairro para o qual este personagem se mudou. Com inspiração na história original “As Aventuras do Pinóquio”, desenvolveu-se um trabalho fotográfico de interpretação a partir das vivências dos habitantes. A exposição explorou as potencialidades da linguagem fotográfica para a construção de narrativas visuais a partir de imagens captadas nas casas e nos espaços comuns. Um processo que passou por reuniões com os moradores e saídas de campo para a captação de imagens e proporcionou momentos marcantes graças às relações estabelecidas entre a equipa e os moradores, pela convivência com as diferenças e respeito pela expressão de vida e da cultura de cada um. A singularidade de cada pessoa deu cor e enriqueceu a diversidade dos ambientes retratados.



E SE FÔSSEMOS PAPEL?

2019

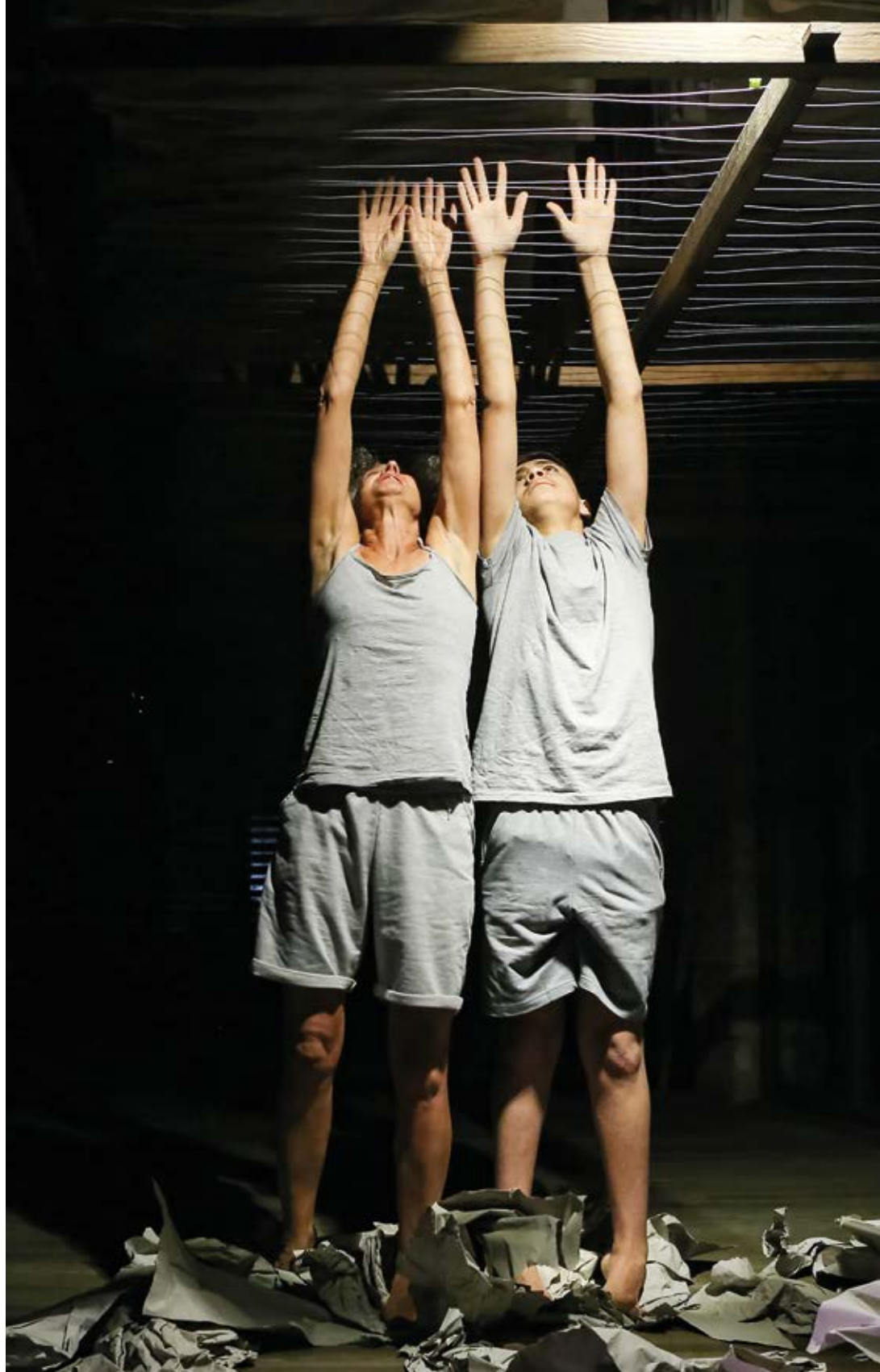


“E se fôssemos papel?”, questiona o grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, dizendo que “seríamos macios e brancos como o algodão, ou ácidos e amarelados como se estivéssemos em decomposição. Talvez porosos ou flexíveis, ou espessos e rígidos. Gostaríamos de ser preenchidos com memórias que escorrem como a tinta, mas que se perpetuam no odor envelhecido destes papéis enrugados da vida”. Foi este o mote do espetáculo comunitário que uniu o papel à poesia pelas mãos do grupo intergeracional Poesia no Corpo. Corpo na Poesia com direção artística de Helena Oliveira. “E se fôssemos papel?” foi apresentado em 2019, no Turno da Noite, no Museu do Papel Terras de Santa Maria, integrado nas comemorações do Dia Internacional dos Museus.











Todas as cidades têm uma memória, por vezes, guardada em museus ou escondida pelas ruas e praças povoadas de estátuas. Nesta criação para o Imaginarius 2019, a Companhia Persona propôs dar-lhes vida e voz, num espetáculo que cruza diversas linguagens artísticas: videomapping, música, teatro e dança contemporânea. A estátua do Comendador Henrique Amorim, no Museu de Santa Maria de Lamas, foi a primeira de muitas a contar os seus segredos.









Projeto artístico comunitário, da autoria do grupo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, que se apresenta como uma mescla de microplástico, revoltado contra o seu criador, juntando-se-lhe, vencendo-o ao plastificar capilares sanguíneos, enrijecendo-os, tornando-os mais vulneráveis às ruturas. “Seres agitados lutando contra a asfixia, que vai transformando componentes biológicos em químicos, por via da corrupção, tudo aquilo que consomem acaba por ser intrínseco à sua composição. A massa humana move-se como um cardume na esperança de voltar ao contacto com a natureza. A água e a terra, elementos presentes na peça como salvação e contraste ao mundo plastificado, flutuando nos oceanos como um redemoinho louco sugador do oxigénio, impedindo a oxigenação de todos os corpos que

envolve, moldando-lhes um destino de morte. Sucumbindo corpos por entre os novos continentes criados pela indústria petroquímica e por todos nós disseminados, o plástico é metáfora deste mundo coberto de ganhos de eficiência e diminuição de custos, em que até um cêntimo poupado aqui vale uma vida além. Monstros, barcos, cordas, imagens que nos atravessam o olhar, plastificado pelo uso do mais barato. Árvores de Natal plásticas, paisagens plásticas, montanhas plásticas e, ironia das ironias, uma relva sintética eternamente verde, a tonalidade de verde correta a cada olhar, impermeável à água, asfixiando a terra e secando as raízes. Fica o desejo de voltar ao estado de natureza, um momento anterior à criação da sociedade, no qual o homem vivia em plenitude a sua existência”.







“Abraços à Janela” foi um projeto de integração e aproximação através da arte, promovido pelo Município de Santa Maria da Feira, em parceria com a Cooperativa Casa dos Choupos, que surgiu em contexto de pandemia COVID-19. Teve como principal objetivo atenuar o isolamento e contribuir para uma melhor qualidade de vida das pessoas que se encontravam em equipamentos de acolhimento residencial (Estruturas Residenciais Para Idosos, Centros de Acolhimento Temporário, Lares de Infância e Juventude, Unidade de Cuidados Continuados Integrados) – nomeadamente idosos, crianças e jovens em risco, pessoas com deficiência – e idosos que se encontravam em suas casas e rece-

biam apoio pelos Serviços de Apoio Domiciliário concelhios, pelo Programa FAROL, pela Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira e Projeto MIDAS, promovidos pela Câmara Municipal. Através da arte, pretendeu-se que as pessoas fossem abraçadas com o talento de músicos, bailarinos, entre outros, propondo que estas intervenções artísticas fossem realizadas presencialmente, à janela de todos aqueles que aceitaram este encontro. “Abraços à Janela” dinamizou momentos inesquecíveis, que levaram conforto, movimento, sons e alegria às janelas de cada um.





Criação da Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira, a Sinfonia das Hortas consistiu num ciclo de músicas que explorou os espaços hortícolas do concelho de Santa Maria da Feira numa partilha de experiências entre gerações. Na sua primeira fase, em maio de 2021, foi apresentada em forma de três vídeos que unem a natureza, a sabedoria popular e a composição musical. O repertório original move-se entre canção popular e experimentação sonora até à forma

sinfónica. Em setembro de 2021, apresentou-se em formato concerto ao vivo numa horta comunitária, num jogo musical com o público em ambiente íntimo e sereno. Com direção artística de Aleksandar Caric, envolveu um grupo de jovens músicos, clientes da Cercifeira, alunos da Escola Básica e Secundária Coelho e Castro, da Escola Básica Aldeia Sanfins, clientes do Centro Social de Lourosa e do Centro Social Doutor Crispim Teixeira Borges de Castro.



Uma viagem interior a partir de interrogações sobre si próprio e da exteriorização de pensamentos e emoções vindos de diferentes formas de olhar a própria imagem.

Redescobrir o corpo através do gesto, do som, da pintura e da vontade, construindo paisagens imaginárias e poéticas numa dança que oscila entre a realidade, o sonho e a percepção do intérprete a projetar-se no mundo. Um filme que nasce da força da intenção sobre o lirismo com que a verdade se retrata.

Com início em 2015, o “LaB InDança” é um projeto de formação contínua que proporciona a todos, e em particular a pessoas com deficiência, múltiplas experiências performativas em dança contemporânea, assente na ideia de acessibilidade da experiência artística enquanto direito e valor. Um programa da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, com direção artística de Clara Andermatt, que conta com o apoio da iniciativa PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social) da Fundação Calouste Gulbenkian.

O projeto “Shakespeare na Mata” foi desenvolvido pela Associação Sótão do Vizinho, na freguesia de Pigeiros, e apoiado pela DGARTES, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e União de Freguesias de Caldas de S. Jorge e Pigeiros. Integrado no evento Trilhos Culturais, com direção e encenação de Diogo Bastos Pinho, adap-

tou a obra “Sonho de Uma Noite de Verão” à realidade de cinco grupos da comunidade: jovens, adultos e idosos da associação Padre Osório, Clube de Futebol Pigeirense, Coro Polifónico da Feira, artistas independentes e pessoas com incapacidade de várias freguesias do concelho.



O Basqueirart convidou a Companhia Persona para a criação de um espetáculo transdisciplinar, tendo o tema do Ambiente como pano de fundo e ponto de partida à criação. À semelhança de outros projetos já desenvolvidos pela Companhia Persona, o desafio incluiu a participação da comunidade no projeto, seja pela participação direta como intérpretes do espetáculo ou por outras formas indiretas como testemunhos, ideias ou ajuda à produção. O resultado desta criação foi um espetáculo transdisciplinar participativo apresentado em frente à Igreja de Santa Maria de Lamas, cruzando música, palavra, movimento, teatro de objetos e imagem.



© Margarida Canastro

4.0 | 2021



VIAGEM DA MONTANHA AO MAR 2022

“Viagem da Montanha ao Mar” foi um espetáculo musical comunitário, enquadrado no projeto metropolitano Holograma da Casa da Música – Cultura para Todos. Em Santa Maria da Feira, o Projeto foi executado em estreita articulação com a Câmara Municipal e teve como objetivos alcançar diferentes públicos, proporcionando-lhes experiências musicais com raiz pedagógica e educativa, mas sobretudo ir ao encontro dos que carecem de maiores cuidados, particularmente no que toca ao acesso e à fruição cultural.

Resultado de um processo colaborativo, participativo e inclusivo com pouco mais de um mês de trabalho, o espetáculo “Viagem da Montanha ao Mar” foi construído com o contributo de membros da comunidade da

União de Freguesias de Canedo, Vale e Vila Maior e da União de Freguesias de Lobão, Gião, Louredo e Guisande, com idades compreendidas entre os 27 e os 92 anos, tendo como ponto de partida a identidade do concelho. Para além das tradições, usos e costumes feirenses, o espetáculo incluiu referências às grandes marcas culturais do território, como a Viagem Medieval e o festival Imaginarius. O espetáculo subiu duas vezes ao palco do Cineteatro António Lamoso, protagonizado por cantores e dançarinos, músicos da comunidade e profissionais, num total de 43 pessoas, gente rica em afetos e saberes, que abriu os livros de memórias para partilhar canções, poemas, imagens e objetos de outros tempos, que ajudam a definir quem são e de onde são.







REDE DE ARTE COMUNITÁRIA

AQUI E AGORA

Aqui e Agora descobrimos espaços de encontro entre artistas profissionais e não profissionais que, na mesma partilha, criando com base em ideias conjuntas, geram resultados inesperados e surpreendentes. Em Santa Maria da Feira, entidades promotoras de práticas artísticas comunitárias e participativas proporcionam estes encontros, como o Município, associações locais, companhias e tantos outros que compõem uma rede de arte comunitária em constante movimento e evolução rumo a uma maior democracia cultural, cidadania e consolidação da identidade territorial positiva e diferenciadora deste concelho. Uma reflexão sobre as oportunidades de gerar processos criativos no domínio da arte comunitária.



Projeto Transformarte – Rede d’Arte Comunitária de Santa Maria da Feira

Coordenado pelo Município de Santa Maria da Feira, através da cooperação entre os setores da Educação e da Ação Social, e com entidades parceiras beneficiárias como a Casa dos Choupos – Cooperativa Multissetorial de Solidariedade Social, CRL. e a AMI-CIS – Associação de Amigos por uma Sociedade Inclusiva em Sanguedo. O projeto é cofinanciado pelo Programa Operacional Regional do Norte 2014-2020 (NORTE 2020) através da Tipologia de Intervenção “Cultura para Todos”. Os seus principais objetivos são a estruturação de uma rede de

ação social artística sustentável, com investimento na capacitação das associações, companhias e artistas locais, destinada a incentivar o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e profissionais junto de pessoas com necessidades específicas de funcionalidade, incapacidade e suas famílias; população sénior, em situação de fragilidade social; crianças e jovens em risco; e pessoas com doença mental.



Teatro de Arte Adaptada

Com direção artística da Associação Sótão Sótão Vizinho, o Teatro de Arte Adaptada consiste num conjunto de diferentes oficinas artísticas: teatro, artes plásticas, pintura, cenografia, desenho, entre outras. O seu objetivo é desenvolver competências pessoais e sociais nos participantes, entre as quais senso crítico, sensibilidade e criatividade. Visa também a integração social dos seus participantes, bem como impulsionar o exercício pleno da sua cidadania. As técnicas/estéticas são adaptadas às necessidades de cada grupo e de cada criação, podendo ir da Commedia d'ell Arte ao Teatro épico de Bertold Brecht, passando pelo Teatro do Espaço Vazio de Peter Brook e Teatro do Oprimido de Augusto Boal, visitando autores como Stanislavsky, Dário Fô e Jaques Lecoq. Os destinatários são pessoas com necessidades específicas de funcionalidade e/ou incapacidade e comunidade em geral.



Teatro Terapêutico e Oficinas Cênicas

Corporiza-se no trabalho do grupo intergeracional Poesia no Corpo. Corpo na Poesia e tem como objetivo experimentar a performance na tentativa de transformar um espaço, tendo em conta a criação coletiva e o intérprete como um ser total. Fundamental para este coletivo, é também a envolvimento e participação ativa do público a quem se apresenta, bem como a criação e sensibilização constante de novos públicos. Promove a intergeracionalidade e o envolvimento coletivo, contando com a participação de indivíduos cujas idades variam entre os 10 e os 76 anos, estando permanentemente aberto àqueles que desejam experimentar artes performativas. Se por um lado a Poesia ganha em ser um lugar aberto ao cruzamento de outras artes, a Dança ganha por poder experimentar outros universos, como o da Palavra. Este grupo é um retrato vivo da vontade de organização comunitária em volta de um projeto, com direção artística de Helena Oliveira, que permite a transformação individual e coletiva através da arte. A base de trabalho é a experimentação que resulta da espontaneidade de movimentos e daquilo que cada um dos elementos traz para o grupo, sejam as preocupações rotineiras, sejam reflexões mais profundas sobre alguma temática. Destina-se a pessoas com doença mental, crianças e jovens em risco e comunidade em geral.



Música com Seniores e C.^a

A “Música com Seniores e C.^ª”, inspirada nos projetos de formação de orquestra e grupos musicais, como o “El Sistema” e o “In Harmony”, pretende criar estímulos diferentes aos seniores do concelho de Santa Maria da Feira, seguindo um método de ensino da música que traz vantagens para todos. Aos seniores é oferecida a oportunidade de aprenderem a tocar um instrumento, num ambiente divertido, com a garantia de uma boa evolução e integração social. As aulas de música são atrativas porque os alunos aprendem no seio de um grupo altamente motivado. A prática tem vindo a demonstrar que a música tem o poder de desenvolver as capacidades pessoais e sociais dos seus praticantes. A música, como linguagem artística, ajuda a proporcionar um ambiente de aprendizagem e convívio muito positivo, que conduz ao desenvolvimento de competências, não apenas musicais, mas também pessoais e sociais. Com direção artística de José Américo Belinha, destina-se à população sénior.







Aproximar_Teatro nas Escolas

“Aproximar_Teatro nas Escolas” consiste numa intervenção educativa de carácter inclusivo, com acompanhamento científico, dedicada ao intervalo de ciclos de ensino entre o primeiro ciclo e ensino secundário. O objetivo central do projeto, com direção artística de Telmo Ferreira, prende-se com a promoção da inclusão de alunos que necessitam de apoio especializado à educação na sua turma/escola através da interação com os seus pares, recorrendo para isso a uma metodologia de ação que utiliza o teatro e a música. Sob o princípio de equidade, a intervenção é adaptada às prioridades éticas e estéticas verificadas no trabalho artístico com este público. A Música e o Teatro são abordados como formas de expressão que se cruzam e complementam para comunicar visões do mundo, sonhos e aspirações dos participantes, sendo para isso realizadas as necessárias adaptações a partir das especificidades comunicativas e motrizes dos mesmos. As técnicas teatrais utilizadas cruzam a metodologia de Expressão Dramática de Gisèle Barret com a do Teatro do Oprimido de Augusto Boal. A intervenção musical, que pela maior capacidade prática acessível será de tónica eletrónica, é indutora para a criação dramática e composição sonoplástica in loco. Destina-se a estudantes do ensino básico e secundário, com e sem apoio especializado à educação.



Projeto MIDAS

O projeto MIDAS – Mudança para a Inclusão e Desenvolvimento Artístico e Social é o resultado da aprovação de uma candidatura ao Programa Operacional Regional Norte 2020, em que o Município de Santa Maria da Feira assume o papel de entidade coordenadora e o CASTIIS – Centro de Assistência Social para a Terceira Idade e Infância de Sanguedo e a Cooperativa Casa dos Choupos assumem o papel de entidades parceiras.

Este projeto contempla o desenvolvimento de ações imateriais de inclusão social, intervindo num conjunto de cinco comunidades desfavorecidas identificadas no PEDU/PAICD de Santa Maria da Feira, designadamente: Canedo, Sanguedo, Comunidade da Baralha (acampamento de etnia cigana em Sanguedo), Fiães (Almeida Garrett) e Lourosa (Cadinha), promovendo uma abordagem para a inclusão ativa através da arte, da capacitação para a empregabilidade e para estimular os saberes endógenos da comunidade.



Objetos com Histórias

A atividade “Objetos com Histórias” consiste no registo biográfico de histórias de vida de pessoas marcantes nas comunidades de intervenção do projeto, a partir de objetos identitários, e da recolha de histórias pessoais contadas na 1.^a pessoa, partindo-se de um objeto com significado para o próprio, com o objetivo da criação e edição de um livro ilustrado. Visa o envolvimento e a participação de alunos do 1.º e 2.º ciclo do ensino básico na ilustração do livro, fomentando a capacidade de transformar palavras em imagens, num processo criativo, educando para a arte e promovendo a sensibilidade artística e estética e o gosto pelo livro, pela leitura e pela literatura.

A coletânea de livros *Objetos com Histórias: Partilha Sanguedo, Partilha Canedo, Vale e Vila Maior, Partilha Fiães e Partilha Lourosa* são, portanto, um produto artístico coletivo, que ganha corpo através do contributo de todos os seus protagonistas, constituindo-se como uma memória dos momentos mais importantes das suas vidas, das suas comunidades e das suas identidades.





Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira

Com direção artística de Aleksandar Carič, a Orquestra Criativa é uma orquestra comunitária e intergeracional, que nasceu com o objetivo de tornar a Música acessível para Todos, fomentando a solidariedade e a transformação social através da cultura. A partir da prática musical em grupo, potenciam-se competências sociais, comunicacionais e relacionais em prol das pessoas e da comunidade, contribuindo para um ecossistema mais humano e criativo. Em pessoas socialmente fragilizadas, este potencial da música parece ser ainda mais relevante. A principal característica deste tipo de projetos é não interpretar repertório existente, mas sim realizar uma criação coletiva com os participantes. A orquestra não tem limites à participação, contribuindo para, a partir da prática musical em grupo, melhorar a vida das pessoas.

No panorama da arte contemporânea, a Orquestra Criativa de Santa Maria da Feira destaca-se como uma experiência inovadora, distinta e identitária, apresentando-se como uma orquestra que não coloca limites nem condições à participação das pessoas. Consegue resultados de alta qualidade artística e estética graças a um método criativo assente nas sensibilidades e emoções, no saber e no fazer dos participantes, o que permite uma construção orgânica da música, não só na fase compositiva como também na fase performativa. Todos fazem parte: alunos, pais, músicos, estudantes e participantes de Academias, Bandas e Orquestras, Associações Culturais, Desportivas e Recreativas, seniores das organizações sociais da comunidade, de diferentes contextos socioeconómicos, num mosaico dinâmico rico de cores, afetos e sons.





LaB InDança

Com direção artística de Clara Andermatt, LaB InDança é um projeto de dança inclusiva, iniciado em 2015, resultado de uma candidatura à Direção-Geral das Artes. O projeto passa pela criação de um espaço que proporcione a todos e, em particular, a pessoas com deficiência, uma multiplicidade de experiências formativas e performativas na área da dança. O objetivo é promover a presença de práticas artísticas na vida de um número mais alargado de pessoas, assente na ideia da acessibilidade da experiência artística enquanto direito e valor. O desafio da proposta passa pela implementação de um projeto inclusivo em que a dança é o mote para o desenvolvimento de laboratórios de experimentação e de criatividade para e com os participantes, na descoberta e exploração das suas capacidades e na construção de um projeto artístico coletivo. As atividades e as ações são, assim, processos a construir de acordo com as necessidades do grupo e dos artistas. Neste grupo, estão inseridas 15 pessoas, com idades compreendidas entre os 18 e os 45 anos, de várias freguesias do concelho. As aulas decorrem duas vezes por semana em horário pós-laboral. Ao longo do ano, são realizadas duas ou três residências artísticas sob a direção da coreógrafa Clara Andermatt com formadores externos convidados. Os destinatários incluem pessoas com e sem deficiência.





Germinar

Com direção artística de Cara Coroa, as Oficinas TECJUV, dedicadas aos alunos do curso de técnico de juventude do Agrupamento de Escolas de Arrifana, pretendem focar os contextos da autoconfiança, motivação e comunicação interpessoal, preparando caminhos de futuro e explorando oportunidades de profissionalização destes estudantes. No ano letivo 2021/2022, o processo alarga horizontes. O mundo está cada vez mais digital, e os jovens encaram o virtual como um espaço de expressão e descoberta. Recorrendo a exercícios práticos, pretende-se estimular a criatividade individual e coletiva, ajudando os estudantes a aprender a expressar a sua opinião e a formar a sua identidade no digital, utilizando ferramentas como a fotografia e o vídeo, e alerta-se ainda para a importância da sua pegada digital e da responsabilidade inerente às ações levadas a cabo on-line. Destinadas a alunos do 10.º ano do curso de Técnico de Juventude do Agrupamento de Escolas de Arrifana.



Com direção artística de Daniel Padrão, as Oficinas ASC realizam-se no âmbito do curso de animador sociocultural do Agrupamento de Escolas Coelho e Castro (Fiães), considerando tempo letivo e atividades extracurriculares pontuais e explorando técnicas e ferramentas em ligação direta com profissionais da criatividade, artes e comunicação. Para o ano letivo 2021/2022, estão previstos novos desafios e oportunidades de experimentação. O laboratório de acting e improvisação pretende, através de práticas artísticas, desenvolver técnicas de interpretação em grupo, fundamentos da voz cantada e falada, improvisação, expressão corporal e gestão de projetos teatrais com abordagem de criação artística coletiva. O compromisso é potenciar talento, preparando os participantes nas diferentes áreas que um artista deve atualmente dominar para se apresentar em palco, como exercícios teatrais de consciência cénica, voz, improvisação e trabalho com texto. Com a conclusão do laboratório, os participantes serão capazes de demonstrar a sua identidade artística nas mais variadas formas de apresentação e comunicação com o público, exibindo competências técnicas, ferramentas performativas e técnicas de palco e performance. Destinadas a alunos do 12.º ano do curso de Animador Sociocultural da Escola Secundária Coelho e Castro



Coletivo GERMINAR: Laboratório de Criação e Interpretação – Dança e Artes Circenses

O Coletivo GERMINAR representa um novo desafio para a comunidade educativa de Santa Maria da Feira, alargando o impacto individual dos laboratórios desenvolvidos para um conceito interescolar e promovendo a cooperação entre alunos de diferentes agrupamentos do concelho. A criação de uma equipa multidisciplinar, com um objetivo comum, gera um projeto mais rico, diversificado e plural. Uma ação transversal, da criação artística à produção cultural, sem esquecer a comunicação e as relações pessoais. O coletivo GERMINAR inicia um percurso colaborativo, em que diferentes mentores profissionais trabalham com turmas de áreas curriculares e geografias distintas, promovendo novas aprendizagens em contexto prático e real, através das parcerias e colaborações essenciais para os intercâmbios que caracterizam o mercado de trabalho atual.

No Laboratório de criação e interpretação de dança, é explorada a disciplina da dança contemporânea, através de um trabalho desenvolvido na relação corpo/espaço, explorando assim diversas dimensões, formas e dinâmicas do movimento.



Com direção artística de Diogo Santos, valoriza-se neste laboratório a criatividade e a capacidade de interpretação pessoal, de modo a combinar a técnica contemporânea com o apoio ao movimento natural, procurando desenvolver uma linguagem própria e pessoal. O grupo passará por um estado de ação/pensamento criativo de forma a descobrir as suas potencialidades e limitações. Expor o corpo ao movimento, trabalhando-o de uma forma (des)construída, para que se possa apreciar a sua emancipação com consciência. Destinado a alunos do 11.º ano do curso de Animador Sociocultural da Escola Secundária Coelho e Castro.

No Laboratório de criação e interpretação de artes circenses, é desenvolvido trabalho, com direção artística de Daniel Seabra, através das técnicas do circo, pretendendo capacitar-se artisticamente o grupo de participantes. Mais do que isso, pretende-se capacitar e desenvolver ferramentas sociais e fundamentais para a evolução e crescimento pessoal e profissional. Como objetivos primordiais, pensar o papel do indivíduo no grupo e desenvolver valores como a empatia e a solidariedade. Destinado a alunos do 10.º ano do curso de Animador Sociocultural da Escola Secundária Coelho e Castro.



O Mundo é um Palco

O desafio foi lançado pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e 22 jovens do concelho agarraram a oportunidade de integrar uma experiência diferenciadora de formação e capacitação pluridisciplinar no mundo das artes, que teve início a 15 de maio de 2021. O projeto “O Mundo é um Palco”, com direção artística de Telmo Ferreira, contempla oficinas artísticas de Teatro, Música, Artes Visuais e Vídeo, ao longo de vários meses, e prevê mobilidades a Inglaterra e Itália, com encerramento na Feira, no âmbito do Erasmus+ Juventude. Os 22 jovens selecionados para esta formação intensiva, que decorreu na sede do projeto PRIMÁRIO, em Fiães, têm entre 16 e 30 anos e ambicionam desenvolver competências artísticas através da descoberta pessoal no mundo das artes. Entre maio de 2021 e junho de 2022, usufruíram de um preenchido e diversificado calendário de workshops e oficinas, sob a orientação de reconhecidos profissionais das diferentes disciplinas artísticas. O projeto de capacitação artística “O Mundo é um Palco” é a materialização de uma enorme vontade e persistência da Câmara da Feira para alargar as potencialidades do projeto “Erasmus + Juventude – O Mundo é um Palco” (circunscrevendo a sete participantes) a um maior número de jovens feirenses, reforçando sinergias entre o Gabinete da Juventude e o projeto PRIMÁRIO.



As mobilidades decorrem de 26 de junho a 2 de julho 2022 em Portici, Nápoles (Itália), de 28 de julho a 3 de agosto 2022 em Lewisham, Londres (Reino Unido) e de 24 a 30 de outubro 2022 em Santa Maria da Feira. Cada mobilidade vai entrecruzar o Teatro, Música, Artes Visuais e Vídeo, dando origem a um pop up theatre a realizar no espaço público de cada cidade, culminado em Santa Maria da Feira numa performance multicultural que reinterpretará as experiências das mobilidades anteriores. Coordenado pelo Município de Santa Maria da Feira, o “Erasmus+ Juventude – O Mundo é um Palco” visa, por um lado, trabalhar a integração dos jovens através das artes performativas e, por outro, dotá-los de competências pessoais e profissionais que lhes permitam obter ferramentas para escolher um futuro profissional de acordo com o seu talento e os valores europeus de solidariedade, diversidade e interculturalidade. “O Mundo é um Palco” destina-se a jovens do concelho de Santa Maria da Feira, anteriormente submetidos a um processo de seleção através de entrevista.



free your heART

“Free Your Art – Concurso e Exposição de Artes Plásticas e Fotografia” tem âmbito concelhio e visa incentivar diferentes talentos e promover a participação ativa dos jovens feirenses em iniciativas culturais e artísticas. Deste concurso, resulta uma seleção de 30 trabalhos apresentados numa exposição itinerante. Os participantes são desafiados a participar em visitas a exposições de Arte Contemporânea, acompanhadas de reflexões e partilha sobre o panorama artístico nacional e internacional com profissionais da área. Anualmente, é escolhido um jovem artista para “apadrinhar” o projeto e integrar o Júri do concurso. “Free Your Art” resulta de uma iniciativa da equipa Jovem Autarca 2018/19 que surge para colmatar uma lacuna identificada nas ofertas para os jovens. A exposição dos produtos artísticos acontece de forma itinerante pelas Escolas do concelho e outros espaços culturais, nomeadamente em cidades como Lisboa ou Porto. A coordenação está a cargo equipa técnica do Gabinete da Juventude da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e a iniciativa destina-se a jovens, entre os 13 e 25 anos, que estudem ou residam no concelho de Santa Maria da Feira.



Class Band

Tendo em consideração que a aprendizagem musical promove a estimulação cognitiva, permitindo manter níveis de atenção, memória e de agilidade física tão importantes nesta faixa etária, utiliza-se a metodologia Classband para os seniores, de forma tranquila e à medida das suas capacidades e competências, adquirirem conhecimentos básicos de música, e aprenderem a tocar um instrumento de orquestra.

A atividade é dinamizada pela Tuna Musical Mozelense em dois pólos – Mozelos e Souto – tendo em consideração a área de residência dos seniores participantes e a disponibilidade logística, com três horas semanais na Tuna Mozelense (uma de cordas, uma de sopros e uma de orquestra) e uma hora nas instalações da Banda Musical de Souto, tendo-se nesta última optado apenas pelo ensino de instrumentos de percussão, seguindo o método Orff, considerando as características pessoais dos seniores participantes.

De um modo global, esta atividade de formação musical resultou num acrescentar de habilidades cognitivas, sempre associadas ao sentimento de proximidade, que valoriza as competências pessoais e as manifestações de pertença e de bem-estar dos seniores participantes. A coordenação é da Divisão de Ação Social e Qualidade de Vida da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira e a iniciativa destina-se a seniores residentes no concelho de Santa Maria da Feira.



A Casa dos Choupos – Cooperativa Multissetorial de Solidariedade Social, CRL, fundada em 2008 e com sede em Santa Maria da Feira, tem como missão estruturar e implementar respostas à medida para a resolução de necessidades e problemas sociais, fomentando o progresso e a sustentabilidade de forma integrada, inovadora e diferenciada. A Casa dos Choupos

estrutura-se, na sua intervenção por um conjunto de respostas atípicas e ajustadas às necessidades da realidade e contexto sociais, desenvolvendo a sua atividade em torno de quatro eixos: “Emprego, Formação e Empreendedorismo”, “Arte, Cultura e Ambiente”, “Intervenção e Apoio Social”, “Igualdade de Oportunidades e de Género”.



Programa Chão Fértil

O Programa Chão Fértil traduz-se num conjunto de atividades desenvolvidas na sede da Casa dos Choupos, com o objetivo de envolver pessoas da comunidade num espaço criativo e potenciador de aprendizagem e partilhas, em prol do desenvolvimento sociocultural e da melhoria da qualidade de vida das pessoas residentes em Santa Maria da Feira. Atuando em três áreas essenciais – social, ambiental e cultural – este programa dirige-se a públicos mais específicos, mas também desenvolve atividades destinadas à comunidade em geral, apresentando um leque de iniciativas diversificadas e ajustadas permanentemente às necessidades do contexto social. “Linhas com Rosto” é uma oficina criada no âmbito deste programa, em 2019, promovendo e incentivando práticas criativas e artísticas que resultam na construção de peças com histórias. Trata-se de um exercício de competências destinadas a alavancar o talento dos participantes, valorizando a história pessoal de cada um. As oficinas artísticas destinam-se a jovens adultos em situação de desemprego e a pessoas com experiência de doença mental, ajudando a quebrar estigmas e a desenvolver competências. Os produtos Linhas com Rosto são peças exclusivas, associadas a uma marca e apoiadas por designers locais, que contam as histórias de quem os faz.

CLDS4G – Projeto “Direitos & Desafios EM REDE”

O Projeto Direitos & Desafios Em Rede é promovido pelo Município de Santa Maria da Feira, coordenado pela Casa dos Choupos, CRL, em parceria com a ADRITEM (Associação de Desenvolvimento Regional Integrado das Terras de Santa Maria). É financiado pelo programa Contratos Locais de Desenvolvimento Social – 4.ª Geração – POISE – PT 2020 e é operacionalizado de forma articulada através da ALPE – Agência Local em Prol do Emprego.

O Promove-te! EM REDE – Oficina de empoderamento e capacitação para a qualificação e integração profissional tem por objetivo o desenvolvimento de Soft Skills, vocacionadas para a empregabilidade, através da utilização de ferramentas artísticas. A Oficina (60h anuais) coloca as pessoas em situação de desemprego no centro da intervenção através de processos artísticos de empoderamento individual, apresentando depois os resultados à comunidade em locais pertinentes e de forma imprevisível. Desenvolvido sob a premissa de que os processos de criação artística participativos fomentam competências pessoais e sociais, transversais à empregabilidade, suscetíveis de serem reconhecidas e certificadas. A oficina, com direção artística de Telmo Ferreira, foca-se no desenvolvimento das competências psicossociais mais valorizadas no mercado de trabalho usando a ferramenta do teatro do oprimido, e destina-se a desempregados de longa duração; jovens à procura do 1.º emprego, beneficiários de Rendimento Social de Inserção, pessoas com incapacidade e/ou deficiência residentes na União de Freguesias de Canedo, Vale e Vila Maior, União de Freguesias de Lobão, Gião, Louredo e Guisande, União de Freguesias de Caldas de S. Jorge e Pigeiros, freguesia de Romariz ou freguesia de Milheirós de Poiares.



CLDS4G – Projeto “Direitos & Desafios INOVA +”

O Projeto Direitos & Desafios Inova+, enquadrado no CLDS 4G – Contrato Local de Desenvolvimento Social de 4.^a geração, é coordenado pela entidade Casa dos Choupos, CRL e tem como entidade parceira e executora local o CTCP (Centro Tecnológico do Calçado de Portugal). É financiado pelo programa Contratos Locais de Desenvolvimento Social – 4.^a Geração – POISE – PT 2020 e é operacionalizado de forma articulada através da ALPE – Agência Local em Prol do Emprego. A atividade “Promove-te!” INOVA+ constitui-se também como uma oficina de empoderamento e de capacitação para a integração profissional que tem por objetivo o desenvolvimento de Soft Skills vocacionadas para a empregabilidade através da utilização de ferramentas artísticas. A sua primeira edição utilizou a ferramenta do teatro de marionetas lambe-lambe em caixa. A partir da obra musical de Chico Buarque, A BANDA e MEU CARO AMIGO, foram criadas caixas de teatro lambe-lambe que resultaram do processo criativo e colaborativo desenvolvido com adultos em situação de desemprego. O teatro lambe-lambe é uma linguagem do teatro de marionetas e formas animadas que consiste em espetáculos de pequenas dimensões com dramaturgias de curta duração, apresentados a uma pessoa de cada vez: dentro de uma caixa equipada com palco, cenário, adereços, iluminação e sistema de som, dá-se a mediação entre o ator-manipulador, que atua através de uma das faces, e o espectador, que espreita através de uma ranhura localizada na face oposta.

Em A BANDA, exaltam-se sentimentos de satisfação e de empoderamento relativos à empregabilidade. A música descreve a transformação no estado anímico dos habitantes de uma aldeia com a passagem de uma banda que alegra todos “cantando coisas de amor”. Enquanto a banda passa, os adultos relatam boas lembranças de emprego. Em MEU CARO AMIGO, narra-se, poética e biograficamente, algumas dificuldades de comunicação. Na música, Chico Buarque descreve um tempo de ditadura, de pouca liberdade e muita censura: a tarifa telefónica “não tem graça”, o correio “andou arisco”, por isso gravou uma carta-cassete que foi enviada por um portador aos amigos exilados, mandando “notícias frescas neste disco”. Em paralelo, o espetáculo alia à música depoimentos dos adultos desempregados, revelando barreiras e entraves vivenciados em situação laborais.

Com direção artística da Companhia de Teatro Ventoinha, a iniciativa destina-se a desempregados, com especial incidência nos desempregados de longa e muito longa duração.





Com coordenação de Fábio Resende, os Saltarellus são um grupo de artes de rua, dedicado à prática das artes circenses, integrados Fórum Ambiente e Cidadania, uma associação cultural sediada em Mosteirô, Santa Maria da Feira, que engloba nas suas atividades pessoas de várias idades. Desde crianças a seniores, não existe idade limite de participação. Para além do grupo Saltarellus, fazem parte do Fórum Ambiente e Cidadania o grupo de percussão “A Rua’Da” e o grupo de crianças em formação de percussão “A Rua’Da Júnior”, o grupo de canto lírico “os Monges”, o grupo de teatro “Teatramus” e uma equipa dedicada às áreas de produção e logística.

O Fórum Ambiente e Cidadania cumpre, anualmente, um plano de atividades que inclui a participação e organização de diferentes eventos para e com a comunidade local, regional e/ou nacional. O grupo Saltarellus, em específico, participa em várias feiras medievais do país, sendo a Viagem Medieval o evento com maior participação, quer em número de dias dedicados à prática artística, quer em número de elementos do grupo envolvidos. Todas as atividades organizadas pelo FAC envolvem o apoio dos elementos dos seis grupos que constituem a associação, num total de cerca de 100 pessoas, que trabalham de forma voluntária em prol das artes e da envolvimento da comunidade com a cultura.

AQUI E AGORA
SÓTÃO DO VIZINHO
- ASSOCIAÇÃO CULTURAL



Sótão do Vizinho – Associação Cultural, fundada em 2010, sediada em Santa Maria da Feira, inclui a companhia profissional Teatro em Caixa, a Orquestra de Música Antiga e o programa de Arte Adaptada. A associação dedica-se ao desenvolvimento de atividades culturais junto de crianças e adultos, ciente da importância da responsabilidade de gerar impacto social através de uma educação cultural mais próxima, do teatro comunitário, participativo e inclusivo. Pretende continuar a contribuir para a divulgação das artes cénicas, com destaque para o teatro, reconhecendo a cultura como um elemento importante do processo de inclusão social e de cidadania, e estabelecendo as bases de uma rede de intercâmbio artístico e educacional e cooperação entre as companhias de teatro e a comunidade.

Desenvolve criação artística teatral e musical de espetáculos, pintura mural e instalação artística em programas culturais comunitários inclusivos em parceria com outras instituições, nomeadamente Cercifeira, Cercilamas, Casa Ozanam, AMICIS, Banda Marcial do Vale, Orquestra Criativa, Orquestra Sinfónica de Jovens, Escola de Dança Ninho das Artes, Associação Particular de Solidariedade Social Padre Osório, Clube de Futebol de Pigeiros, Coro Polifónico de Santa Maria da Feira, Associação de Jovens Ecos Urbanos, Cerciasta e grupos informais. Com direção artística de Diogo Bastos Pinho e Sara Vitália, os destinatários destas atividades são profissionais, indivíduos, grupos socialmente desfavorecidos e comunidade em geral.







A Companhia Persona tem vindo a desenvolver um percurso na área das artes performativas com características únicas, compreendendo áreas tão diferentes como o Teatro de Rua, Espetáculos de Palco, Animações e Projetos Multimédia e Multidisciplinares, consolidando uma linguagem específica assente numa metodologia de interpretação orgânica que se cruza com as mais diversas linguagens criativas e artísticas. Destaca-se ainda pela experiência em parcerias com companhias e grupos nacionais e internacionais, pela sua capacidade de resposta a encomendas de festivais e eventos culturais, pela flexibilidade dos seus intérpretes, inovação das suas propostas e ainda pela sua vertente formativa e de intervenção social.

Nos últimos anos, vem aprofundando a sua experiência na área das artes digitais aplicadas ao contexto cénico tanto como em instalações como em outro tipo de intervenções. As criações em contexto comunitário, projetos site specific e curadorias também têm sido cada vez mais privilegiadas nas escolhas das suas intervenções artísticas. Com direção artística de Lúcia Lebreiro e Simão Valinho, os destinatários destas atividades são profissionais, indivíduos, grupos socialmente desfavorecidos e comunidade em geral.







PRÁTICAS QUE SE CONSTROEM EM COLETIVO

TESTEMUNHOS

LaB InDança | 2019



Nascida da interação com a comunidade, constituída muitas vezes por pessoas que de outra forma não participariam ativamente nas esferas culturais, a arte comunitária recebe contributos valiosos e únicos nas suas performances, intervenções e instalações. Contando com a comunidade para dar vida à obra, faz todo o sentido que seja essa mesma comunidade também a expressar-se sobre ela e por isso é nas suas palavras que encontramos a melhor descrição para as práticas artísticas que neste livro se registam.

“Os sonhos são possíveis de alcançar quando se transforma o peso dos dias em leve respirar.”

João Pedro Correia, “Sonhos Flutuantes”, 2006

“Eu quero voar mas as asas pesam.”

J.M.S., “Sonhos Flutuantes”, 2006

“É muito importante participar porque participando é que se vai tendo mais conhecimentos, novos amigos, novas pessoas. E as pessoas aproveitam para descontraír...”

Carlos Silva, “Texturas”, 2010

“No início, tudo me parecia engraçado e até pensei que ia desistir, mas depois os ensaios começaram e tudo mudou. Afinal comecei a levar as coisas a sério e acabei por ficar surpreendida comigo.”

Diana Rodrigues, “Texturas”, 2010

“Eu sempre tive vontade de experimentar teatro, sempre achei que tinha jeito para isto, mas depois do Texturas tenho a certeza que sou capaz.”

Carlos Valente, “Texturas”, 2010

“Isto é um projeto de muitos para muitos.”

Carla Silva, “Malhas Imaginárias”, 2014

“Este grupo é um espaço de partilha em que os corpos dão vida ao sonho, à realidade e aos anseios de cada um. Aqui, fazem eco os sentimentos, as emoções, a dádiva e a receção do mundo que nos rodeia. Poesia no Corpo. Corpo na Poesia é um laboratório que congrega todos aqueles que buscam no seu âmago a poesia, sem medo do julgamento dos outros, o assumir dos seus erros, limitações e vivências. Estamos e estaremos sempre abertos às influências de tudo o que nos rodeia e a quem queira deixar aqui um pouco da sua alma e da realidade que perceciona. Enfim, este é um convite para que partilhem neste grupo, aqui e connosco, no nosso espaço, o prazer de dizer poesia com a alma, a vossa alma.”

Manuel Magalhães, “Estás a Olhar para Mim?”, “Multidões”, “Quantos são Eu?”, “Não sei mexer as mãos”, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, 2017

“Estar neste grupo não deixa que a minha memória adormeça.”

Constança Rodrigues, “Estás a Olhar para Mim?”, “Multidões”, “Quantos são Eu?”, “Não sei mexer as mãos”, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, 2017

“Aqui, sou a espectadora, a atriz e a encenadora da dança da minha vida.”

Maria Armanda Alves, “Estás a Olhar para Mim?”, “Multidões”, “Quantos são Eu?”, “Não sei mexer as mãos”, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, 2017

“É por isto e para isto! Esta é sem dúvida a máxima que resume a minha entrada para o grupo. Este grupo trouxe-me uma nova visão de vida e um novo espectro sobre a sociedade que nos rodeia. Despojados de rótulos ou estatutos, ali nada importa a não ser a arte e a criação, e sem dúvida a arte como “salvação” aliada sempre à verdade intrínseca que nos faz criar.”

Marcos Lima, “Quantos são Eu?”, “Não sei mexer as mãos”, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, 2017

“É umas das partes maravilhosas da minha vida, é terapêutico. É algo que precisava e que não tinha oportunidade. Sou eu própria. Sou mais alegre e tenho mais saúde.”

Celeste Silva, “Estás a Olhar para Mim?”, “Multidões”, “Quantos são Eu?”, “Não sei mexer as mãos”, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, 2017

“Participar é a expressão da minha liberdade.”

Carlos Santos, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, 2017

“Partilhar, sentir, experimentar, arriscar, pensar, dançar... dançar... dançar... Coreografar estes bailarinos incríveis, é um privilégio. Nestes corpos não existe idade, existe vontade... uma vontade do risco... da sensação... da experiência... estes corpos podem tudo.”

Helena Oliveira, Direção artística do coletivo Poesia no Corpo. Corpo na Poesia, 2017

“Trabalhar comunidade é acreditar que é possível preservar memórias, identidades e lugares.”

Ana Carvalhinho, “Pinóquio Visita Santa Maria da Feira”, “Baile das Bicicletas”, 2022





“Fazer parte de processos no âmbito de projetos de arte comunitária é para mim ter a possibilidade de autoconhecimento e de conhecer o outro, num palco em que todos temos um lugar onde somos vistos e onde podemos ver, vestindo peles diferentes e sendo simultaneamente atores e espectadores da vida. Estes projetos têm um potencial enorme de aproximar as pessoas, de levá-las para outros lugares, de experimentação, de expandir as suas redes, contribuindo em última instância para a sua integração social.

Todos os projetos de arte comunitária em que tive o privilégio de participar foram indutores de momentos de grande partilha, de processos de co-construção positiva e produtiva e que exigiram competências transversais a todos os que nos entregamos de coração aberto ao desafio. Trago sempre destas experiências um grande enriquecimento pessoal, social e profissional, mais certezas sobre qual o meu lugar no mundo, um entendimento mais polivalente sobre as pessoas e um coração alargado pelos que nele entram a cada projeto.”

Inês Pinho, “Meto a Colher?! – Contra a Violência Doméstica”, “As pessoas não são objetos! Grite não à violência doméstica!”, “És tão...”, “Campanha Mensagem de Amor”, “Onde está o Príncipezinho?”, “Texturas”, “O Comboio Fantasma de Santa Maria da Feira”, “A Viagem”, “Baile das Bicicletas”, “Estás a Olhar para Mim?”, “Multidões”, “Quantos são Eu?”, “Não sei mexer as mãos”, “De repente, ao entrares naquela porta, deparas-te com o encanto da beleza”, “Elefante em Pele de Camelo”, 2022

“O projeto comunitário que mais me marcou foi, sem dúvida alguma, o projeto Riscos e Traços. Trabalhei com jovens de faixas etárias variadas e provenientes de diferentes freguesias do concelho. A arte unia cada um destes jovens, sendo extremamente gratificante ver as suas evoluções e vitórias.”

Marta Carvalho, “Rufus & Circus”, 2022

“A integração de práticas artísticas em campanhas de prevenção de violência doméstica desafia a uma construção conjunta com a comunidade, corresponsabilizando-a e criando um palco de experimentação que permite desenvolver uma maior empatia por quem vivencia a violência doméstica. Este processo permitiu-me uma observância direta de um efetivo despertar na comunidade envolvida para uma realidade que implica o agir de todos.”

Amélia Carneiro, “Meto a Colher?! – Contra a Violência Doméstica”, “As pessoas não são objetos! Grite não à violência doméstica!”, “És tão...”, “Campanha Mensagem de Amor”, 2022

“Trabalhar projetos artísticos na comunidade é tirar a Arte dos museus, das galerias, das salas de espetáculos... é despi-la dos mecanismos oficiais que a validam para lhe devolver Humanidade. Neste processo, as diferentes linguagens artísticas tornam-se acessíveis, às crianças e jovens, fornecendo-lhes ferramentas para organizarem o seu entendimento do mundo e expressarem desejos e ânsias que os acompanham.”

Carla Palhares, “Mira Miró Mirando!”, “Orquestra Criativa Santa Maria da Feira”, “free your heART”, 2022

“Temos vivido momentos muito bonitos, de partilha de saberes, mas sobretudo de afetos.”

Ivo Brandão, direção artística “Viagem da Montanha ao Mar”, 2022

“O que foi mágico na Feira foi a forma como rapidamente nos constituímos como grupo e passámos a ser construtores ativos do processo.”

Ana Oliveira, “Viagem da Montanha ao Mar”, 2022

“Em 2001, fomos convidados pelo festival Imaginarius, para apresentar o nosso primeiro espetáculo de rua, um desafio que abraçamos com o entusiasmo próprio de jovens artistas, ansiosos por descobrir novos caminhos e linguagens. Também o Imaginarius era então um jovem festival, que nos deslumbrava pelo palco novo que nos apresentava: a rua e o espaço público!

Aliando a nossa inexperiência a uma vontade férrea de perseguir e construir o sonho, conseguimos criar aquele que foi o espetáculo de abertura do festival e que, ainda hoje perdura na memória de todos os que nele participaram e assistiram. Do elenco, apenas os técnicos e a direção artística eram profissionais das artes do espetáculo: os intérpretes eram 30 alunos da Escola de Bailado e Artes Cénicas e uma dúzia de jovens voluntários da comunidade. A cenografia foi criada pelo escultor Paulo Neves.

Devido às dimensões cenográficas e técnicas do espetáculo, nunca mais reunimos condições para o voltar a apresentar. No entanto, sabemos que este foi um marco no teatro de rua de Santa Maria da Feira, contribuindo para o desenvolvimento de muitas companhias e artistas locais que, até então, não ousavam sequer sonhar uma vida nesta aventura que é o teatro.

Como na altura a companhia ainda não tinha um nome, quando nos pediram o mesmo para a comunicação do festival, acabámos por adotar o nome do espetáculo que nos definia – PERSONA.

PERSONA, ainda hoje define os objetivos e metodologia de todos os nossos trabalhos e costumo explicar a todos com quem trabalhamos, profissionais ou membros da comunidade que, ao contrário do que vulgarmente se pensa, Persona não é a Máscara mas sim o canal no interior da boca da mesma que amplifica e transporta a nossa alma até ao público. Assim somos.”

Lígia Lebreiro, Companhia Persona, 2022





“A performance Sonhos Flutuantes representa uma das iniciativas mais bem sucedidas do grupo de Jovens Mediadores Sociais do Plano Municipal de Prevenção das Toxicodependências. É o produto de um processo emocional intenso e de dedicação plena destes jovens na combinação de visão, arte, criatividade, educação pelos pares e prevenção.”

Margarida Amorim, “Sonhos Flutuantes”, 2022

“A Cerci-Lamas sempre integrou nos seus programas as artes performativas e essa aposta tem sido ganha, uma vez que ao longo dos anos existem provas dadas do desenvolvimento dos participantes e uma maior aceitação e reconhecimento da comunidade. Sempre acreditamos que as expressões artísticas, tanto a dança como o teatro, eram atividades facilitadoras de inclusão social das pessoas com deficiência intelectual. A prática das atividades de expressão artística, dentro ou fora da instituição é um exercício à criatividade de cada um e que corre para que os participantes reconheçam as suas capacidades, aumentem a autoestima e o seu bem-estar. Estas atividades de expressão artística são um instrumento facilitador do processo de desenvolvimento pessoal, ao impulsionar um conhecimento de si próprio através da realização criativa do que projeta, redescobrimo-se, questionando-se, num percurso transformativo vivido também na interação com o outro. Quando o resultado do exercício criativo resulta num produto que é partilhado com a comunidade publicamente, é potencializada a sua importância, acrescentando valor, contribuindo para o reconhecimento pessoal do artista e, também, para a sua realização pessoal e capacitação social. Hoje, o desejo é que as pessoas com deficiência intelectual possam ver nestas áreas, uma forma de vida reconhecida, valorizada e que contribua para a construção de uma identidade positiva.”

Lúcia Ribeiro, Diretora Técnica da Cerci-Lamas, 2022

“A arte desenvolvida em Santa Maria da Feira é uma mais-valia fundamental para a Cerci-Lamas, pois ajuda a desenvolver e aprimorar as capacidades e o potencial dos nossos clientes, tanto a nível artístico, como a nível social. Ajuda os nossos clientes a poderem expressar-se sem preconceito de serem julgados, pois com a arte não existem limitações, só a potencialidade de atingirem novos horizontes.”

Hugo Leite e Jinny Moreira, Técnicos Operacionais da Cerci-Lamas, 2022

“Estamos a desenvolver muito... treinamos muito a decorar coisas... a minha família gosta que eu participe.”

Vânia Machado, Cerci-Lamas, 2022

“Gosto do Teatro, aprendi a fazer vozes.”

João Fontes, Cerci-Lamas, 2022

“Eu hoje posso dizer que sou ator. Sinto na alma cada palavra que vou falar na peça. Descobri durante os ensaios que tenho qualidades e que consigo fazer o mesmo que os outros fazem, mesmo estando numa cadeira de rodas, como por exemplo, tenho uma voz forte como o Pavarotti e consegui decorar o texto depois de muitas horas a estudar. Tem sido um desafio muito grande e espero que muitos mais virão.”

Manuel Serafim Oliveira, CACI Casa Ozanam, 2022

“Eu já participei em alguns teatros. Quando vejo as pessoas a rirem-se e a bater palmas, sinto-me muito feliz.”

Filipe Ferreira, CACI Casa Ozanam, 2022

“Durante a minha experiência no campo das práticas artísticas comunitárias, fiz inúmeras descobertas que alicerçam uma parte considerável da construção daquilo que sou enquanto artista, indivíduo, e membro ativo de uma ou várias identidades coletivas. Tive oportunidade de observar formas diversas de encarar o fenómeno artístico e conhecer mais profundamente o seu significado. Ao partilhar criações com um número tão alargado de artistas e com origens tão distintas, novos horizontes surgiram e novas perspetivas me foram mostradas sobre a relação humana com a vida e o mundo, ampliando assim, em larga medida, aquilo que é a minha mundividência.

Ao abrir as portas do mundo da arte a pessoas com acesso condicionado, descobri a importância que o ato artístico pode ter na vida das pessoas. É uma plataforma eficaz de combate ao esquecimento e à indiferença, coloca esses indivíduos e coletivos num lugar de destaque, num papel de educador ativo da sociedade. Partindo do princípio que a arte é intrínseca à humanidade e da opinião pessoal de que isso é que nos distingue verdadeiramente das outras espécies, considero indispensável que o ato artístico se torne acessível a todas as pessoas.

Nas ações de mediação, capacitação, processos criativos e apresentações de espetáculos, vivi episódios que me ficarão para sempre gravados na memória. É profundamente gratificante saber que esses momentos também são recordados por aqueles que os viveram ao meu lado e, quem sabe, que esses momentos sejam tão positivamente impactantes para eles como são para mim. Graças a estas experiências, sinto que a minha arte faz parte de algo maior, não se reduz à relação de um artista do espetáculo com o público. Ao colocar as minhas ferramentas criativas ao dispor de terceiros, chego a conclusões que não seriam possíveis se a minha arte se resumisse ao meu ponto de vista.”

Diogo Bastos Pinho, Teatro em Caixa, 2022

“Mais que transformar vidas, a arte dá sentido à vida de muitas pessoas. Entender a importância do acesso à arte nas comunidades é um dos principais passos para mudar o mundo, nem que seja o mundo daquela comunidade, daquelas pessoas, daquele local. A arte dá-nos o suporte e a base para um olhar mais crítico perante a sociedade, sem deixarmos de ser intervenientes. Através do teatro, da música, da pintura, da dança ou outras formas de representação, as comunidades saem de uma posição passiva, tornando-se protagonistas e o que experienciaram fica para sempre.

Vindo do nada, lembro-me de tantos momentos que vivenciei no trabalho com a comunidade. Se tivesse que me exprimir em pleno, faria um desenho ou uma pintura do género * porque o asterisco é o cruzamento de vários segmentos de reta e ainda porque através da arte podemos expressar mais.

A solicitação foi um testemunho escrito, por isso vou citar Carl Jung: “Arte é a expressão mais pura que há para demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é a sensibilidade, criatividade, é vida.”

Sara Vitália, Teatro em Caixa, 2022

“O teatro para mim trouxe-me novos horizontes. Para a minha doença foi uma coisa muito boa. Quando estou em palco, sinto-me bem e com o decorrer da peça, sinto uma adrenalina muito grande. Os ensaios são muito terapêuticos e trazem uma aprendizagem muito enriquecedora a todos os níveis.”

Carlos Magalhães, USO Casa Ozanam, 2022

“Na Casa Ozanam já participei em algumas peças de teatro e gostei muito porque me ajudou a melhorar as minhas competências sociais, a ficar mais desinibido na vida e a aumentar o meu bem-estar. O teatro é uma arte que, no meu caso, é muito terapêutica, pois tenho uma doença mental, e ajuda-me a estabilizar e a melhorar os sintomas da minha doença.”

Luís Costa, USO Casa Ozanam, 2022

“Gosto de fazer vozes e gestos...gosto de aprender histórias.”

Jorge Manuel Moreira, Cerci-Lamas, 2022

“O Teatro ensinou-me a fazer coisas que não sabia... estas coisas faz-nos desenvolver.”

Susana Tavares, Cerci-Lamas, 2022

“Gosto de andar no teatro porque convivo com outros colegas... conhecer outras coisas é bom para esparecer.”

Maria Palmira Loureiro, Cerci-Lamas, 2022

“A Casa Ozanam vê na arte e, mais concretamente no âmbito das variadas dinâmicas proporcionadas pelo projeto Transform’Arte, um instrumento para a capacitação dos sistemas pessoais dos indivíduos, promovendo-se condições que lhes permitem analisar necessidades e constrangimentos, assim como e, fundamentalmente, caminhos possíveis para lhes dar resposta.

O projeto Transform’Arte permitiu o desenvolvimento de atividades, jogos e exercícios, através dos quais os nossos jovens e adultos com incapacidade e/ou experiência de doença mental, experimentaram ativamente, quer uns com os outros dentro do seu grupo mais restrito, quer com elementos de outros grupos, as noções de confiança e interajuda; partilharam sensações, emoções e ideias provenientes ou expressas no decorrer das sessões; refletiram em grupo sobre as experiências sensoriais e simbólicas; improvisaram e criaram histórias; participaram inclusivamente em espetáculos de teatro, tendo-os apresentado à comunidade em eventos culturais do concelho.

Da ampla experiência e intervenção levada a cabo pela Casa Ozanam na Unidade Sócio-Ocupacional, defendemos que, em termos terapêuticos, o teatro vem ganhando cada vez maior espaço na área da saúde e, especialmente, no campo da saúde mental ao constituir-se como uma ferramenta amenizadora dos efeitos negativos da doença mental. Este dispositivo terapêutico baseado fundamentalmente na construção de laços afetivos com base no fazer artístico, permite a diminuição ou minimização dos fatores negativos de ordem emocional e afetiva que naturalmente surgem com a doença, nomeadamente a angústia, o medo, o stress, o isolamento social, a apatia. O teatro possibilita aos indivíduos ultrapassar o estigma, a exclusão a rejeição, o isolamento e o preconceito associados à doença, para além de que, a troca com o outro – que assume características semelhantes às suas – facilita a partilha das dificuldades e anseios relacionados com a própria perturbação mental. Defendemos a elaboração artística como suporte e em prol da saúde.

Neste sentido, fazermos parte deste grande projeto que é o Transform’Arte vem contribuindo, sem dúvida, para reduzir os estereótipos e estigma associados à incapacidade e à doença mental, ajudando a desconstruir a imagem redutora que muitas vezes é atribuída à pessoa, quase sempre em torno da alienação, preguiça, perigosidade.

Sabemos que as diversas áreas de intervenção artística e cultural respondem de modo eficaz no combate ao isolamento, à necessidade de fomentar a criatividade, o espírito de iniciativa e facilitar vivências em grupo.

A Casa Ozanam agradece profundamente a oportunidade dada aos nossos jovens e adultos para criarem, transformarem, refletirem e sentirem esta grande chave que é a inclusão pela arte!”

Sofia Sá, Equipa Técnico-Pedagógica da Casa Ozanam, 2022





“Sinto a arte como inspiração, que me conduz ao equilíbrio, sem amarras e nós para desprender. A arte, para mim, é paixão.”

Rafael Magalhães, Obra do Frei Gil, 2022

“Desde 2018 que as Crianças e Jovens da Casa de Acolhimento Residencial (CAR) – Obra do Frei Gil, integraram projetos de arte comunitária, resultado de uma coorganização e cooperação entre instituições parceiras e cooperantes e o Município de Santa Maria da Feira. Quando falamos de arte e de “transformar” pela arte, estamos conscientes dos benefícios que a mesma incorpora, traduzindo-se numa ferramenta para a expressão de sentimentos e emoções, elevando os níveis de autoestima, autoconhecimento e autoconfiança. Para as Crianças e Jovens da CAR, estes projetos constituíram, a todo o tempo, lugares de diálogo, de encontro, de partilha, de aprendizagem, ambientes sugestivos de estimulação sensorial, emotiva e cognitiva, bem como de manipulação experimental e criativa. Sempre entendidos como espaços e momentos de afirmação de identidades e oportunidades, face à diversidade de problemáticas e de singelos atores comprometidos, em que o coletivo e o individual se fundem numa procura incessante.

Sendo a arte intemporal, que estes 20 anos dedicados à arte comunitária, não se traduzam simplesmente em memórias, mas em novos rumos, novos Mundos!”

Maria Santos, Diretora Técnica da Casa de Acolhimento Residencial – Obra Frei Gil – Lobão – Santa Maria da Feira, 2022

“Aqui eu pude realizar o meu sonho de ser ator.”

Pedro Duarte, AMICIS – Associação de Amigos por uma Comunidade Inclusiva em Sanguedo, 2022

“A participação em experiências diversificadas, no âmbito das artes, sejam elas no teatro, na música ou na dança, promovam um maior sentimento de pertença e de inclusão na sociedade, determina um crescimento pessoal, social e de autodeterminação e autoconfiança nos participantes. Projetos como o “TransformArte” são fundamentais, sendo veículos para abrir as portas da cultura a novos públicos e contribuir para a igualdade de oportunidades, nomeadamente através da eliminação de barreiras e preconceitos que ainda se encontram presentes na sociedade moderna.”

Rocco Di Bernardo, Presidente da Direção da CerciFeira, 2022

“Eu gosto muito de dançar e tocar na orquestra, faz-me sentir livre.”

Tânia Oliveira, CerciFeira, 2022

“Para mim, fazer parte da orquestra criativa, na LaB InDança e no teatro, é um sonho que se realiza. Desde pequenina que quero ser atriz, adoro estar no palco e que todos me vejam.”

Isabel Pinto, CerciFeira, 2022

“Em cada ser um pescador
partindo em seu barco
Com a força do remo e a costa à vista.
Cada palavra se fazia rede;
cada gesto descobria uma sereia.
E barco se fazia seguro,
enchendo-se de velas e de sonhos.

Cada um em sua onda, sem pressas,
a soprar o seu próprio rumo...
Cada um a aprender o canto da sereia
porque no pescador
havia a inocência de navegar sem bússola...
O horizonte era pescar sozinho,
e o mapa os sons dos passos a pisar o palco.
E a costa sumia-se ao longe.
Um longe tão longe que parecia não ter fim...

Mas nesse fim
cada um descobria a forma do seu regresso.
Apertavam-se as redes,
abraçavam-se as correntes e as nuvens.
E ei-los que chegavam
tendo no rosto a reinvenção de enfrentar o mar.
E a rede transbordava de sonhos.
Palavras como pérolas.
Gestos como conchas.
Histórias frescas como as algas na espuma ...
E, lá no fundo da rede,
saltitavam os sonhos,
abriam-se sorrisos,
transbordava um novo mar de descobertas.
E na pesca onde cada um tinha lançado
a sua rede que os prendeu aos outros
nunca mais alguém navegará sozinho...”

AMICIS – Associação de Amigos por uma Comunidade Inclusiva em Sanguedo, 2022





(...) Artisticamente a proposta começou por aventar a possibilidade de adaptar “Romeu e Julieta” ao contexto de Teatro de Rua e inclui-la na programação do festival IMAGINARIUS, no intuito de exponenciar a sua visibilidade e articulação com outras intervenções comunitárias dinamizadas por diferentes grupos e sensibilidades de Santa Maria da Feira, mas rapidamente a equipa de produção chegaria a um modelo assente em três linhas fundamentais: por um lado a apresentação de vídeos resultantes dos workshops multidisciplinares com os habitantes da “Baralha”, dinamizados pelos criadores convidados por Marco Martins (Beatriz Batarda, Dinarte Branco, Filipa César, Clara Andermatt, André Príncipe, Fernando Mota e Nuno Custódio Pinto) em áreas transversais como o teatro, o cinema, a fotografia, a música, a videografia e a dança contemporânea. Constituindo-se como reflexão sobre diferentes problemáticas artísticas e sociais que derivaram desse contacto entre criadores e a população do acampamento; por outro, uma série de vídeos de raiz documental que nos dessem a conhecer o modo de vida do acampamento e, por fim, uma curta metragem, “RJ Baralha”, fusão da ideia inicial com o conhecimento produzido e as conclusões ganhas ao longo da intervenção. Os workshops foram altamente disruptivos porque nunca entendidos como “aulas” e acima de tudo integrados nas rotinas da população. Não houve, portanto, um espaço delimitado fisicamente distante entre sala e o acampamento, entre professor e aluno. Os participantes (todo o acampamento, 70 pessoas) entravam e saíam dos workshops a todo o tempo (para estender a roupa, para dar de comer, para ir procurar sucata, etc). Esse foi também um processo intencional de criação de relações orgânicas, dinâmicas, com a Família Monteiro, e razão para a escolha do próprio acampamento para apresentação, em maio de 2010, do espetáculo multidisciplinar, integrado na programação oficial do Festival IMAGINARIUS desse ano.

Sublinhando as palavras do autor, um espetáculo, um processo, em que a arte viveu nas pessoas e as pessoas viveram, ainda que apenas em alguns dias, meses, na arte.

Nuno Oliveira, “Baralha”, 2022

“(…) Como um comboio, a peça apitou “todos a bordo”: para nós e para o público. Foi um projeto que ancorou muitos fatores dinamizadores juntos. A abertura cinematográfica com tons de teatro político. A sátira bizarra dos carneiros. A procissão pela colina abaixo em que todos se mantiveram unidos tão lindamente. O telhado da Cerci com a dança cerimonial e a explosão na rotunda. A energia da chegada ao centro da cidade, e o final calmo com o Sr. Plácido, levando-nos para o futuro de cortes e encerramentos, com o sentido de que vamos aguentar e tornar-nos ainda mais criativos do que aquilo que os homens cegos que “nos guiam” podem imaginar.”

Lee Beagley, “O Comboio Fantasma de Santa Maria da Feira”, 2012

Particpei no espetáculo “Meu Céu” com a direção de Clara Andermatt. A primeira coisa de que me lembro foi do nosso primeiro ensaio, quando nós estávamos a fazer exercício com a voz e a D. Aurora deixou cair a placa da dentadura, o que provocou uma tarde de risota entre todas nós. No chafariz em frente à Câmara cantávamos “ai que estamos na terra” e caminhávamos para a Igreja da Misericórdia para iniciar o espetáculo na escadaria. Aqui cantávamos e levávamos uns paus à cabeça e com eles bombávamos. Este espetáculo foi apresentado no Alcantara Festival, no Castelo de S. Jorge, em Lisboa. Eu não queria ir, mas as minhas filhas teimaram comigo e lá acabei por ir. Não me arrependi, adorei, foi maravilhoso a amizade com os nossos companheiros e amigos, foi uma aventura que nunca posso esquecer, numa idade em que já não estava a contar viver essa experiência. O espetáculo foi uma coisa nunca vista. A nossa felicidade foi contagiante. Eramos uma família muito unida, que ainda hoje falamos ao telefone, nunca nos vamos esquecer porque foi bom demais. Também particpei no espetáculo a “Feliz Idade” em 2010 com a Anna Stigsgaard e no “Meu Coração Viagem”.

Emília Cardoso, “Meu Céu”, “A Feliz Idade”, “Meu Coração Viagem”, 2022

“Holograma, do vazio para o palco! Projeto extremamente enriquecedor, permitindo aos seniores experienciar uma nova realidade, fomentando o envelhecimento ativo e a valorização destas idades.”

Vera Marques, Centro Social e Paroquial do Vale, “Holograma”, 2022

“Alimentar a comunidade com a música e o trabalho em grupo, é tão gratificante como ver um filho crescer.”

José Américo Belinha, Música com Seniores e C.ª, 2022

“Persona foi um marco na vida de todos que nele participaram. Um projeto arrojado, que aconteceu fruto de uma dedicação extrema e a entrega incomparável de uma equipa jovem, inexperiente no mundo do teatro de rua, mas com vontade de fazer acontecer o sonho. Tenho a certeza que o espírito comunitário que se viveu na construção do Persona, caracterizado na sua essência pela partilha, ficou gravado no coração de todos. Foi uma homenagem ao sonho e ao teatro. Foi uma honra ser Persona.”

Rita Correia de Sá, “Persona – uma homenagem ao sonho e ao teatro”, 2022







GRAFISMO

ALGUNS EXEMPLOS



Retratos de Família | 2008
Cartaz



Retratos de Família | 2006
Cartaz



A PARTIR DE UM OLHAR DISSESTE "OLÁ",

DE UM BEIJO NA CARA CONHECI O TEU CHEIRO,

ÉS TÃO...

DE UM LONGO ABRAÇO QUIS FAZER PARTE DE TI,

DE UM EMPURRÃO DESEJEI NUNCA MAIS TE VER.

INTERVENÇÃO ARTÍSTICA
PREVENÇÃO DA VIOLENCIA NO NAMORO

14 FEV '09
SANTA MARIA DA FEIRA

informações.
direitosdesafios@gmail.com | tel. 256 365 665 | tlm. 919 680 097

23h00 • RUA DIREITA BAR
24h00 • VILLA CAFFÉ BAR



És Tão... | 2009
Cartaz



NOVEMBRO '09, SANTA MARIA DA FEIRA





PREVENÇÃO E COMBATE

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

dinamização NAVDAveiro [núcleo de atendimento a vítimas de violência doméstica do distrito de aveiro] **destinatários** técnicos das áreas sociais e humanas | profissionais de saúde | técnicos da justiça forças de segurança | outros profissionais que tenham interesse na temática
inscrições direitosdesafios@gmail.com **contactos** 256 365 665

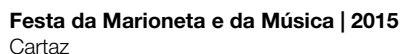
15.OUT'14 09h30 › 17h
S. PAIO DE OLEIROS SALÃO NOBRE DA JUNTA DE FREGUESIA

Prevenção e Combate à Violência Doméstica | 2014
Cartaz



Campanha Mensagem de Amor | 2010
Cartaz



SINFONIA das HORTAS

ORQUESTRA CRIATIVA
de Santa Maria da Feira

11 e 12 SETEMBRO 2021
18h30 - CASA DOS CHOUPOS
SANTA MARIA DA FEIRA



imaginarius



santa maria da feira



ORQUESTRA CRIATIVA

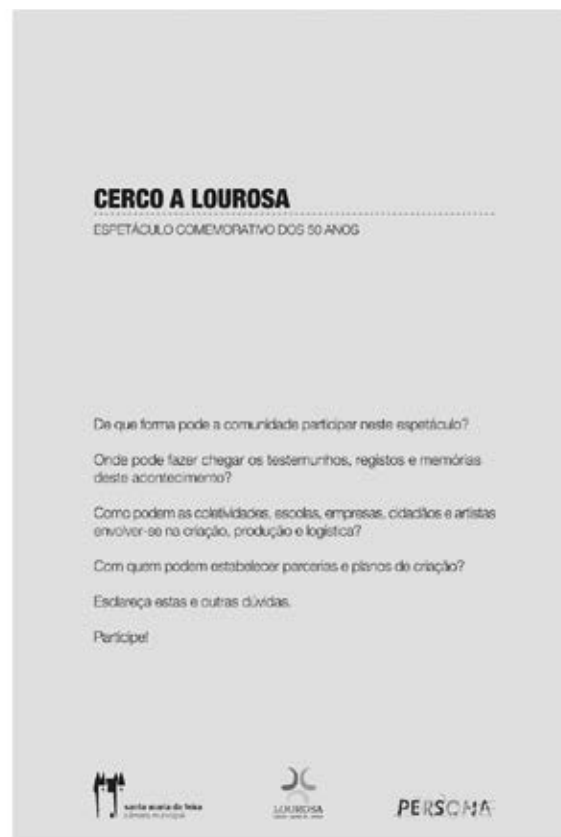
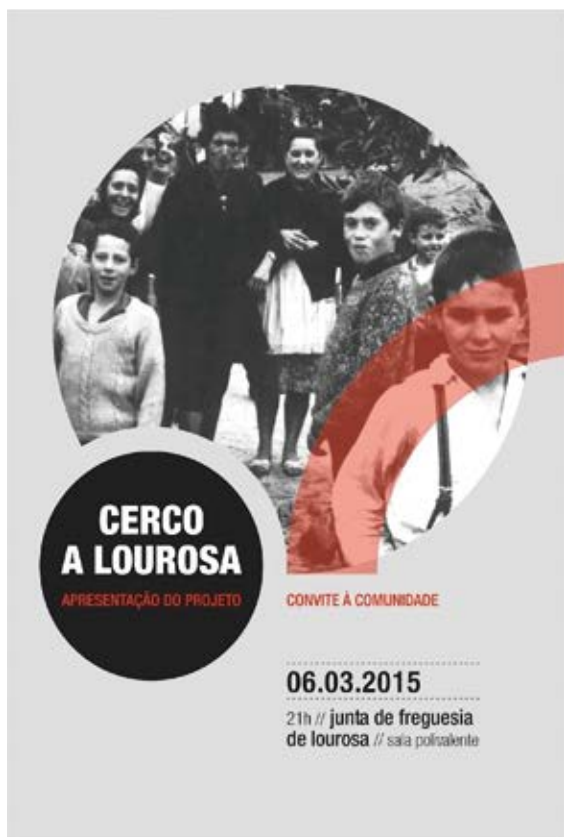


CASA DOS
CHOUPOS



design - Antónia Silvestre

Sinfonia das Hortas | 2021
Imagem de Facebook



Cerco a Lourosa | 2015
Flyer [frente e verso]

27 › 29 MAIO

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

salão do orfeão da feira
qui 14h00 - 24h00 | sex e sáb 14h00 - 01h00

29 MAIO

PERFORMANCE TEATRAL E LANÇAMENTO DO LIVRO

'texturas - um projecto de arte comunitária'
esplanada do orfeu / junto ao orfeão
18h30

INSTALAÇÃO LABIRINTO

eira do orfeão da feira
19h00

"imaginarius

TEXTURAS



pele
Associação de Arte e Cultura de Lisboa

arte

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

MUSEU
Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa

Associação de Arte e Cultura de Lisboa



Entrado | 2010
Cartaz



Tela para exterior



Certificado de participação



Convite
[frente e verso]

28 ABRIL › 01 MAIO'22

www.cm-feira.pt/holograma



HOL OGR AMA

CULTURA PARA TODOS

Viagem da Montanha ao Mar

Espectáculo Comunitário



ESPETÁCULO MUSICAL PÚBLICO EM GERAL | 50' APROX

CINETEATRO ANTÓNIO LAMOSO
28 ABRIL 15:00 | 01 MAIO 17:00

ESPETÁCULO GRATUITO RESERVA DE LUGARES NA BOL



Ler

Serviço Educativo da Casa da Música



ESPETÁCULO MUSICAL
M/6 FAMÍLIAS | 45' APROX

CINETEATRO ANTÓNIO LAMOSO
30 ABRIL 10:00 | 11:30

ESPETÁCULO GRATUITO
RESERVA DE LUGARES NA BOL

Pinóquio

Serviço Educativo da Casa da Música



ESPETÁCULO MUSICAL
M/3 FAMÍLIAS | 45' APROX

CINETEATRO ANTÓNIO LAMOSO
01 MAIO 10:00 | 11:30

ESPETÁCULO GRATUITO
RESERVA DE LUGARES NA BOL

Wicked Youth

Novos Talentos da Casa da Música



CONCERTO GRATUITO
PÚBLICO EM GERAL | 50' APROX

CENTRO CULTURAL
DE MILHEIROS DE POIARES
29 ABRIL 21:30

RESERVA DE LUGARES
<https://bit.ly/NovosTalentos29Abr>

Solistas da Casa

Músicos da Orquestra Sinfónica
do Porto Casa da Música



CONCERTO GRATUITO
PÚBLICO EM GERAL | 50' APROX

CENTRO CULTURAL
DE MILHEIROS DE POIARES
30 ABRIL 21:30

RESERVA DE LUGARES
<https://bit.ly/SolistasDaCasa30Abr>

Holograma | 2022

Anúncio Jornal N [18 de abril de 2022]

Convite digital realizado para o espetáculo
“Viagem da Montanha ao Mar”



Mupis realizados para o espetáculo “Viagem da Montanha ao Mar”



ESPETÁCULO GRATUITO
 M/6 | 60' APROX
RESERVA DE LUGARES NA BOL
<https://bit.ly/EAmanha15jun>

15 JUNHO 21:30
CINETEATRO
ANTÓNIO LAMOSO



COPINANCADO POR



E Amanhã? | 2022
 Cartaz



Singular Margem

Poesia no Corpo. Corpo na Poesia

COM A PARTICIPAÇÃO
ORQUESTRA CRIATIVA
DE SANTA MARIA DA FEIRA

ESPETÁCULO GRATUITO
PÚBLICO EM GERAL | 45' APROX

18 JUNHO 18:00
PARQUE DA CIDADE
SANTA MARIA DA FEIRA



**Rede d'Arte
Comunitária**
Transdisciplinar



ORQUESTRA CRIATIVA



PROTEÇÃO

CASA DO CIDADÃO

GRUPO SOCIAL



PROTEÇÃO

AMICUS

COORDENAÇÃO

NORTE 2020

2020



Poesia no Corpo. Corpo na Poesia | 2022

Cartaz





BIBLIOGRAFIA

Bishop, C. (2012). *Artificial hells: Participatory art and the politics of spectatorship*. New York: Verso.

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. (2008). *Imaginarium Texturas, Um Projeto de Arte Comunitária*. Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

Cruz, H. & Pinho, I. (2006). *Pais, Uma Experiência*. Papiro Editora.

Cruz, H. (2021). *Práticas Artísticas, Participação e Política*. Porto: Edições Colibri.

Ventosa, V. (2016). *Didática da participação: teoria, metodologia e prática*. São Paulo: SESC.



Os pa
palavras
em po
mão, e
projeto
Eram a
do espe
E assim
mão
pela
ninguém
a bab
Contra



FICHA TÉCNICA

De Repente, ao Entrares Naquela Porta, Deparas-te com o Encanto da Beleza | 2017

Título

COMUNITÁRIA – 20 anos de Arte e Comunidade em Santa Maria da Feira

Edição

Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Coordenação

Hugo Cruz e Maria João Oliveira

Cofinanciamento

Projeto MIDAS – Mudança para a Inclusão e Desenvolvimento Artístico e Social

Design Gráfico

Rute Serra – Divisão de Comunicação, Relações Públicas e Internacionais
da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira

Arquivo Fotográfico

Município de Santa Maria da Feira
Casa dos Choupos
Há Festa na Aldeia
Joana Patita
Luís Barbosa
Margarida Canastro
Teresa Couto

Revisão

Bússola Inquieta – Sociedade Unipessoal, Lda.

Pré-impressão, Impressão e Acabamento

Graficamares, Lda.

Tiragem

250 exemplares

ISBN

978-989-8183-26-2

Depósito Legal

500957/22

Santa Maria da Feira
junho 2022

© todos os direitos reservados 2022



























20
ANOS

